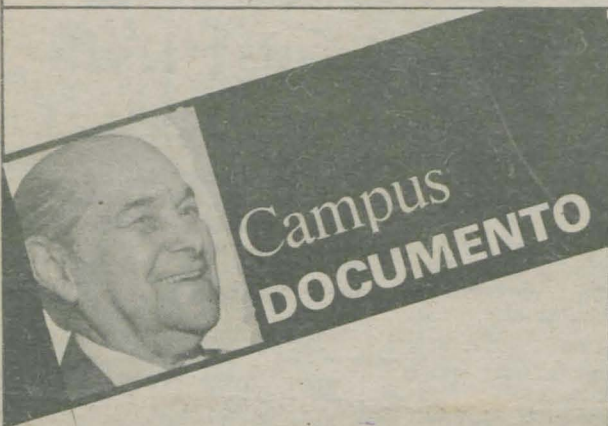


Campus



Dia 22 de abril, feriado no país e na UnB. Dia 23, ponto facultativo em Brasília. Os repórteres e fotógrafos do Campus, no entanto, estão nas ruas e nos edifícios em que se decidem os destinos do país. Vivem, junto com o povo e com os homens do poder, o clima de angústia e perplexidade em que a cidade foi mergulhada com a morte do pai da Nova República. Para isto, lutam ombro a ombro com os jornalistas da grande imprensa à caça das informações. Aprendem no convívio com os que já são profissionais, mas dão à cobertura um tom original, próprio de um jornal-laboratório. Mais que o registro de um momento crucial da vida do país, já tão explorado pelos meios de comunicação, este Campus/DOCUMENTO representa um esforço especial de aprendizagem.



Ulisses Lacava

O DIA EM QUE A NOVA REPÚBLICA FICOU ORFÃ

A massa dos meios de comunicação

O circo estava armado! Quilômetros de fios espalhados pelo chão, fila nos telefones, nas máquinas de escrever e até para o cafezinho. Este era o ambiente da Sala de Imprensa do Palácio do Planalto, no dia 22 de abril. Não havia espaço para a parafernália televisiva, sendo, portanto, acomodada do lado de fora da Sala.

Nem mesmo o cansaço fazia com que os repórteres se dispersassem do trabalho. Jornalistas acompanhavam pela TV o trajeto do corpo do Presidente Tancredo Neves. Suas atenções só eram desviadas nas horas dos cafezinhos e dos cigarros.

Para muitos a grande maratona teve início às 22:30 h do domingo, quando foram diretamente para o Palácio do Planalto. Vários repórteres não dormiram há mais de 36 horas. A fome fez parte do dia de muitos que não pertenciam a grandes empresas e que dispunham de "boys" para trazerem o lanche. A sede tam-

bém era grande. Só com muita coragem para se enfrentar o garrafão de água mineral "lodada" disponível na Sala de Imprensa.

Do lado de fora, dois radialistas montavam as suas mesas. Lá dentro não havia lugar para mais nada. As mesas eram divididas por até três repórteres. As máquinas de escrever formavam um batuque sem harmonia, mas acelerado. Os telefones eram insuficientes para transmissão de notícias e recados, tendo que ser utilizados os telefones do saguão para agilizar o fluxo de informações. Os cinzeiros estavam cheios e as latas de lixo repletas.

Após a chegada do cortejo e a realização da missa, a Sala foi se esvaziando gradativamente. As autoridades já haviam se retirado e era a vez do público prestar as suas homenagens. As 21:30 h não havia mais grande movimentação dos repórteres, pois como disse um fotógrafo: "O povo não é notícia". (Ana Paula Araripe e Carmen Kozak Simaan)

A notícia não revelada

"Após a missa, Tancredo foi para casa. Quando estava chegando, o presidente recebeu um tiro com uma bala envenenada, disparado pelo General Newton Cruz. Aureliano Chaves, que acompanhava Tancredo e sempre anda armado, reagiu e baleou o general. Newton Cruz está internado secretamente num hospital, e o tiro foi um aviso dos militares aos oposicionistas, especialmente Ulysses Guimarães, de que os escândalos do antigo regime não devem ser revelados e muito menos punidos. Tancredo entrou em coma logo depois da primeira cirurgia, mas foi mantido vivo até o dia 21 de abril para virar mártir, um novo Tiradentes, e ficar como exemplo. Sarney não sabia do complô, mas também é culpado porque encomendou um trabalho de magia negra num terreiro do Maranhão, o único no Brasil que mexe com vodu. Sete agulhas foram enterradas num boneco com a cara de Tancredo, o que explica as sete cirurgias. As terças ou quintas eram feitos sacrifícios de animais no terreiro, por isso o Presidente piorava nesses dias. Os jornais sabem da verdade mas não podem dizer nada".

Essas eram as versões que corriam em São Paulo após os funerais de Tancredo Neves. Outras versões parecidas passam ainda de boca a boca em São Paulo e em todas as demais cidades brasileiras (e até mesmo em algumas capitais do mundo, estas levantadas pela imprensa). E a autêntica **vox populi**. Acredite, se quiser (Ulysses Lacava).



ESPAÇO

Glória a Tancredo nas alturas

Passada a comoção inicial, ao estilo "e a vida continua" e outras frases feitas do gênero, é possível refletir sobre a não-posses de Tancredo Neves sob um novo e talvez polêmico ângulo: o seu lado positivo.

Que nos perdoem os nova republicanos de plantão, mas diante do contexto que o país atravessa, a morte de Tancredo pode ter sido a salvação do homem público, do político Tancredo Neves.

Heresia? Então vejamos: se Tancredo tivesse sido operado quando os primeiros sintomas surgiram, o que lhe daria chances totais de sucesso, após 15 ou 20 dias de convalescença ele poderia estar sendo empossado presidente. Trios-elétricos, lavagens de rampas, porres coletivos ao som do Hino Nacional interpretado por Alceu Valença, a festa seria inesquecível. O dia seguinte, porém, e os outros depois dele, encontrariam Tancredo às voltas com uma das maiores ressacas que este triste Brasil já atravessou.

Do ponto de vista econômico, a União está com um déficit de caixa estimado em Cr\$ 53 trilhões para 85; as exportações estão caindo, sendo provável que a meta para o ano, de superávit comercial da ordem de US\$11,5 bilhões, — inferior a de 84 — não se cumpra, o que repercute diretamente na capacidade do país cumprir seus compromissos com os banqueiros internacionais; e a taxa de inflação, acumulada nos últimos 12 meses em 228,8%, pode decrescer até dezembro para algo em torno de 180%, se confirmadas as previsões mais otimistas dos técnicos do Ministério da Fazenda, resultado que está longe de ser motivo de comemoração.

Para administrar o "inadministrável", como denominou a situação o líder do PMDB na Câmara, Pimenta da Veiga, Tan-

credo teria que contar com uma equipe de governo marcada por sua heterogeneidade de composição e de interesses, na adoção das medidas altamente impopulares que tradicionalmente são adotadas em momentos de crise aguda, tais como o aumento de impostos ou o achatamento de salários.

Trabalhar tendo como base a Aliança Democrática — que congrega hoje desde Sebastião Curio, o ex-agente do SNI que recentemente aderiu ao Partido da Frente Liberal, até Haroldo Lima, um dos teóricos do PC do B que encontrou refúgio da clandestinidade no PMDB — exigiria tantas negociações e concessões da parte do juiz maior dos conflitos, o Presidente Tancredo, que poderia por em risco a viabilidade do projeto da Nova República pela simples incapacidade das partes se manterem coesas. Vale lembrar que 86 é ano eleitoral, e que a maioria dos atuais ministros de estado pretende se descompatibilizar para disputar ao governo de seus respectivos estados. Um político em campanha tem o hábito de apresentar ao seu eleitorado um punhado de grandes realizações, que normalmente consomem gordas fatias de recursos. Estes recursos não estão e não estarão disponíveis na quantidade desejada para todos os interessados, o que dá uma idéia de como será "fraterna" a convivência entre o primeiro escalão do governo.

Outra hipótese seria a da sobrevivência de Tancredo Neves, apesar das falhas médicas, da idade e da precariedade da primeira cirurgia, feita em caráter emergencial, o que repercutiu na evolução de todo o quadro clínico. Nesse caso seria provável que Tancredo saísse do hospital debilitado demais para enfrentar a dialética conciliação de nature-

zas opostas, ou seja, o exercício da presidência.

Esta lhe pertenceria por direito, mas seria disputada de fato pelas lideranças do governo, o que levaria ao caos político em pouco tempo. Ao caos e ao desencanto, quando o mito Tancredo Neves não cumprisse o papel de "panacéia universal para todos os males" que a população lhe conferiu, imagem essa muito tipificada vai Embratel pelo chamado "calvário" a que o presidente eleito se submeteu. Cedo ou tarde o mito ruiria, em meio a promessas não cumpridas, a pior coisa que pode acontecer a um mito.

Morto, Tancredo de Almeida Neves escapou das nuvens negras que ameaçam nosso céu de anil e virou unanimidade nacional, batendo em popularidade o Leonel Brizola de 82, o Jânio Quadros de 60 e Getúlio Vargas de 50, juntos. Seu destino trágico emocionou o Brasil ao delírio, chegando à histeria fatal em Belo Horizonte, com cinco mortes; seu sofrimento redimiu todos os seus pecados, especialmente o pecado de ser um conservador imposto pelo conchavo político, em substituição à mais alta bandeira já levantada pelo povo deste país — as Diretas Já; seus discursos e suas idéias serão citados pela eternidade, sua vida será estudada nas escolas, seu nome será dado a praças, ruas e estádios de futebol.

Perfeito, sem mácula, imortalizado pela fantástica cobertura da imprensa, Tancredo agora é estrela, é totem, é a corporificação de um período histórico, a esfinge da Nova República.

"Decifra-me ou te devoro", diria qualquer esfinge. Menos essa. Tancredo ameaça devorar apenas uma vítima, se esta não descobrir o segredo, descobrir como vencer a maldição: esta vítima é José Sarney. (Ulysses Lacava).

A fé remove montanhas, mas não remove infecção
(Flávio Silveira)

Enquanto isto, nos bastidores...

Os "bastidores" sempre foram tido como um lugar interessante e os "bastidores" da Imprensa não deixam por menos. Escuta só essa: na hora da missa de corpo presente de Tancredo Neves no Palácio do Planalto ouvia-se dos jornalistas comentários à respeito da beleza da esposa do governador do Espírito Santo, Gerson Camatta, "uma gata"; observava-se a semelhança do perfil do filho do Aureliano com o pai; comentava-se a roupa discreta de Fafá de Belém e o número de amantes de algumas autoridades. Isto tudo numa cerimônia fúnebre. Imagine numa recepção... (Edna Cristina)

Globo chora pelo Brasil



A Tv Globo provou, mais uma vez, ser o "veículo número 1" do melodrama no Brasil. Imaginem vocês que foi ela a principal responsável pelas lágrimas derramadas por inúmeros cidadãos. Esse foi o comentário mais comum durante o cortejo fúnebre do Presidente: "Não, nas ruas não dava para chorar, pois o clima era uma mistura de tristeza, curiosidade e, principalmente, muito pique, muita disposição de tocar o barco. Mas diante da televisão, ah! mocô, não teve quem não gastasse algumas gotinhas de seu estoque". E viva o folhetim! (Amneres Pereira)

MURO

O mártir da Nova República

Relembrando os versos que Cecília Meirelles fez para Tiradentes no seu belíssimo "Romanceiro da Inconfidência", percebi que o destino de fato não poderia ter escolhido data mais simbólica para nos levar Tancredo Neves. Dizia a poetisa: "Foi trabalhar para todos/ e veja o que lhe acontece (...)/ Foi trabalhar para todos/ mas, por ele, quem trabalha? Fica tombado seu corpo nesta esquista batalha (...)/ Por aqui passava um homem/ e como o povo se ria/ Liberdade ainda que Tarde/ nos prometia". Pra quem foram feitos mesmo estes versos? (Rudolfo Lago, não sem a ajuda de Cecília).

Campus

Jornal-laboratório do Departamento de Comunicação da UnB.

Editor Geral: Prof. Carlos Augusto Setti

Editora de Arte: Profª Maria Rita Leal

Editora de Fotografia: Profª Luiza Venturelli

Texto: Adalberto Passos;

Alessandro Galvão; Ana

Paula Araripe; Ana Paula

de Souza; Amneres Pereira;

Catarina Guerra; Carmen

Simaan; Edna Cristina; Flá-

vio Silveira; José Murilo Mi-

lhomen; Luciano Suassuna;

Mário César Rosa; Nara

Ferreira; Rosane Carneiro;

Rudolfo Lago e Ulysses La-

cava.

Fotografia: Cyntia Rosa;

Marcelo Feijó; Nicolau El-



Nas Diretas ou na posse frustrada, o mesmo pesar

Brasília, 25 de abril de 1984. Sob as medidas de emergência mais de cinco mil pessoas se espalham pelo gramado do Congresso Nacional. Eram 11 horas da noite quando cerca de dois mil populares desceram à garagem do Congresso para ouvir a votação que mudaria os rumos do País. Um silêncio angustiado dominava o ambiente; os carros que passavam pela garagem diminuíam a marcha, um deles chegou a desligar o motor e atravessar a garagem empurrado pelos populares.

Brasília, 21 de abril de 1985. Um ano depois da histórica sessão das diretas, o Congresso Nacional é palco de uma das cenas mais tristes dos exatos 25 anos da cidade. Eram 11 horas da noite. Os funcionários do Sulbrasileiro levantam acampamento. Em frente ao Congresso estão cerca de cinquenta populares. Na mesma garagem que no ano passado comportara duas mil pessoas em silêncio de expectativa, irrisórios dez populares estão emudecidos por um silêncio fúnebre. Os carros que agora passam por lá não desligam seus motores; ao contrário, passam acelerando.

No Eixo Monumental, palco do histórico buzinaço da noite de 24 de abril de 1984, alguns carros reduzem a marcha, tentam um buzinaço improvisado.

Desoladas, as pessoas passam lentamente nos seus carros mas não se dispõem a parar no Congresso. Fazem a volta na Praça dos Três Poderes e voltam.

No dia seguinte, nos funerais de Tancredo Neves no Palácio do Planalto o deputado Dante de Oliveira (PMDB-MT) procura explicar teluricamente os fatos: "É, o mês de abril passou a ser o mês de agosto da política brasileira", referindo-se ao mês conhecido historicamente como o mês de tristes acontecimentos políticos no Brasil. (Luciano Suasuna).



Ulisses Lacava



Ulisses Lacava

O sacro-ofício de esperar e de sentir

Todos ostentam a griffe Tancredo Neves e a verdade é que nenhuma lógica estritamente racional explicita, inteiramente, este afluxo descomunal e espontâneo de tantas e tantas pessoas.

"...com tanta gente que pariu/num rabo de foguete/chora a nossa pátria mãe gentil/choram Marias e Clarisses/no solo do Brasil/Mas sei/que esta dor assim pungente/não há de ser inutilmente...". Do caminhão Mercedes Benz amarelo MY 9463, da cidade de Unai, ressoa a doce melodia, que naquele exato momento serviria para embalar o cortejo fúnebre do presidente Tancredo Neves, quando este, vindo do Aeroporto, chega ao trevo que dá acesso ao Eixão, escoltado por um pequeno e rústico batalhão de bicicletas e motocicletas. A tarde caía, mas não feito um viaduto; mais parecia um bêbado, trôpego, que juntamente com o povo tentava em vão equilibrar as emoções.

Naquela segunda-feira, 22 de abril, dia do descobrimento, a via que liga o Eixão ao Aeroporto era a moradia de um sem-número de populares, que pacientemente descobriam a satisfação de esperar a passagem do veículo de transportes de tropas, Urutu, condutor do esquife presidencial em Brasília. A aglomeração começara cedo e aos poucos ia tomando corpo. São onze horas de uma manhã ensolarada e no Aeroporto uma concentração de motos se reúne nas proximidades do Terminal de Cargas Urbano. Ao lado, na entrada que conduz à Base Aérea, uma procissão de carros oficiais segue em direção à pista de pouso. O clima, apesar dos pesares, é de suave descontração.

De repente uma surpresa: os motoqueiros, sob a liderança do também motoqueiro Carlos Holanda Filho, dão a partida em suas motos e se deslocam para a Base. Estupefatos, alguns chegam mesmo a crer que lhes será permitido o trânsito até as dependências onde se encontram as autoridades. O Terminal fica para trás, a cerca de seiscentos metros. É possível divisar agora um

enorme cargueiro da VARIG. Aumenta a euforia, que no entanto é logo dissipada, pois Carlos Holanda retorna: tratava-se apenas de um treino para ensaiar a evolução que fariam.

Nosso destino, da equipe de reportagem do CAMPUS, é o Aeroporto, mais especificamente a Torre do Comando, onde tentamos, debalde, fotografar de lá o boeing da Presidência da República (!). O sempre solícito encarregado da administração nos ensinaria: "lá é zona militar. Por motivo de segurança é vedada a entrada". O tempo voa, e nós corremos à busca de um lugar ideal para fotografias. No hangar da TRANSBRASIL algumas pessoas podem ser notadas. O cinturão humano vai-se alargando à medida que se anda no sentido da Asa Sul. No céu, dois jatos ladeiam a aeronave presidencial. Nosso tresloucado fotógrafo arremessa-se para fora e de objetiva em punho registra a passagem dos jatos. Falta somente a imagem da urna mortuária para que a pauta estabelecida esteja cumprida.

A pouco mais de um quilômetro do final do Eixo localizamos o melhor lugar para as fotos que ainda restam: um trevo. Neste trevo há dois viadutos, parcialmente tomados por algo em torno de duas mil pessoas, que também ocupam os gramados periféricos. Entre tantas disparidades, a semelhança de se querer participar da despedida a Tancredo Neves.

São treze e trinta. O protocolo estipulava que o corpo deveria estar no Palácio do Planalto por volta das quatorze. Não obstante, ele, o corpo, acaba de sair da Base. O povo comprimido no trevo espera. Já são quase quatro mil. O calor corrói a resistência geral. Nenhuma barraquinha de qualquer coisa está naquele ponto. A água, após o esquife, é sem dúvida o maior consenso e a maior necessidade. "Se eu tivesse um bom copo d'água não hesitaria em

trocar-lo por um mil cruzeiros que fossem", desabafa um senhor de meia-idade, óculos de lente escura e bermuda clara.

A miscigenação é total. O tupã Iacaray, sim, o Tupã Iacaray — "com epsilon no final hein" — arisca, difícil, palavras sobre o legado de dor que Tancredo Neves concebera à Nação. Dona Maria da Dore, humilde lavadeira do Novo Gama, ressalta a importância de se plantar os pés no asfalto e dali só arredá-los depois de vislumbrar o ataúde em que estão depositados os restos mortais do ex-presidente. "Afim de contas cada um de nós representa milhares de brasileiros que dariam tudo para estar com os pezinhos bem aqui onde estão os meus". Os brasileiros, dona Maria, estão cada vez mais representados, isto porque a esta altura cerca de seis mil se perfilam nos pontilhões, ou a seu redor. Todos ostentam a griffe Tancredo.

"Tancredo Neves vive no coração dos brasileiros", diz a faixa que o menino segura, um tanto orgulhoso, um tanto entediado, com a demora. Sim, são quinze e trinta e nada de cortejo.

Um flamenguista bonachão e pessimista aventa a possibilidade de a comitiva tomar o atalho pela tesourinha, a trezentos metros antes dos viadutos. O nordestino de rádio no ouvido é contundente: "loucura, seria um desrespeito!". Um helicóptero brinca de libélula sobre a cabeça de todos. Dezesseis horas e o séquito desce a encosta próxima ao Lago Sul. Falta muito pouco.

As feições aflitas e sentidas expressam algo que nem uma objetiva, nem uma máquina de escrever, poderiam demonstrar. No máximo chegariam a ilustrar. Qualquer semelhança seria mera coincidência. Numa extensão de dois quilômetros, colocam-se milhares de curiosos. Os viadutos do trevo, mais do que nunca, estão abarrotados.

Uma suspeita de aparição do caixão desperta em todos imensa expectativa. Todos se entreolham. Rebate falso de novo. As crianças, como que absorvendo as tensões, desatam a chorar. "Ele era a luz do fim do túnel", afirma a velhinha de vestido roto.

Que força sobrenatural influenciaria uma massa tão distinta a suportar a espera sob um sol estonteante, pela alegria única de ver passar um corpo inerte? Tancredo Neves, falecera, falecera humano e ressuscitara mito, um misto de Getúlio Vargas com João Paulo I. A verdade é que nenhuma lógica estritamente racional explicita, inteiramente, este afluxo descomunal e espontâneo.

O instante esperado chega. Todos voltam a se entreolhar, e desta vez parece ser real, os sentidos comprovam: um irritante ruído de buzinas abre alas na multidão, seguindo por um movimento na pista. O coração dispara. As pernas também, e a pista é invadida. Elis Regina interpreta "O bêbado e a equilibrista". Enfim a angústia termina: o blindado, um monstro verde e imponente, rompe o cordão humano e passa pelo viaduto, parecendo ignorar a plateia à sua volta. Momento histórico (é)rico. Um frenesi irrepitível é compartilhado pelos presentes. Grande prazer: o povo não é masoquista, é hedonista...

Mais um discreto delírio. O Brito! O Brizola! O Mauro Salles! O Ulysses Guimarães! Muitos, muitos outros...

Os seres do viaduto estavam saciados, depois seriam os do Eixão, e os da Esplanada, e os do Palácio, e os de Belo Horizonte, e os de São João del-Rey. Todos, em lugares e momentos diferentes, teriam em comum a mesma emoção vivida, que terminaria no exato momento em que a vida readquirisse a rude dimensão da realidade. Azar/a esperança equilibrista/sabe que o show de todo o artista/tem de continuar...". (Mário Cesar Rosa).

Com o povo nas ruas e um clima de festa, Brasília aguardava Tancredo Neves. Para muitos a espera foi em vão. No final, a frustração pela passagem do "cortejo relâmpago".



Cortejo ou Eixão do Lazer?

Marcelo Feijó

O avião que transportava o corpo do Presidente Tancredo Neves mal havia deixado São Paulo quando os brasilienses começaram a se espalhar ao longo de todo o Eixão. Nunca, nem mesmo durante a visita do Papa a Brasília, a avenida tinha recebido um número tão grande de curiosos. Vindos de todos os pontos da cidade, e também das cidades-satélites, todos queriam ver de perto o desfile fúnebre do agora intitulado Mártir da Nova República.

Quando o Boeing presidencial aterrissou em Brasília, o Eixão já estava praticamente lotado por populares. O que, a princípio, deveria ser um último adeus ao Presidente Tancredo Neves, quase acabou se transformando numa festa. O acontecimento atingiu um clima de euforia tal que mais se assemelhava aos domingos ensolarados em que se realizam os chamados dias do "Eixão do Lazer".

Como a ocasião sugeria, as cores verde e amarelo predominavam tanto nas bandeiras e faixas, quanto nas roupas. Também não faltaram as tarjas pretas que revelavam o luto da comunidade brasiliense. Ansiosos em obter um bom ângulo durante o desfile, o povo não poupou esforços ou imaginação. Qualquer lugar era

bom, desde que proporcionasse uma visão panorâmica do cortejo. Janelas, sacadas, árvores e até mesmo os telhados dos edifícios foram bastante disputados.

Nem mesmo o exaustivo atraso e o sol quente fizeram com que a concentração se dispersasse. Quem não estava em cima das árvores, procurava um meio de alojar embaixo delas para amenizar o calor. A grande reclamação foi mesmo em relação à falta de barraquinhas de bebidas, sempre tão freqüentes em ocasiões de grande aglomeração popular.

Ao longo de tanta espera, não faltaram acontecimentos interessantes. Via-se de tudo na avenida: gente chorando, rindo, paqueiras, conversas sobre política, e o bate-papo camarada sobre os acontecimentos do último fim de semana. As bandeiras, que durante o início da tarde eram carregadas de um lado para o outro, muitas vezes serviam de esteiras sobre o gramado. Alguns aproveitavam o atraso para fazer o "cooper" que não havia sido realizado de manhã. Lamentando a demora, um grupo de meninas não via a hora em que passaria Aécio, como carinhosamente chamavam o neto do presidente falecido. Por outro lado, alguns fatos curiosos, como um aparta-

mento na 209, em frente ao eixo, que em suas janelas colocou a frase "Obrigado, Tancredo", ou a homenagem de um paraibano de Campina Grande que circulava pela rua em sua bicicleta verde-amarela de aproximadamente dois metros de altura.

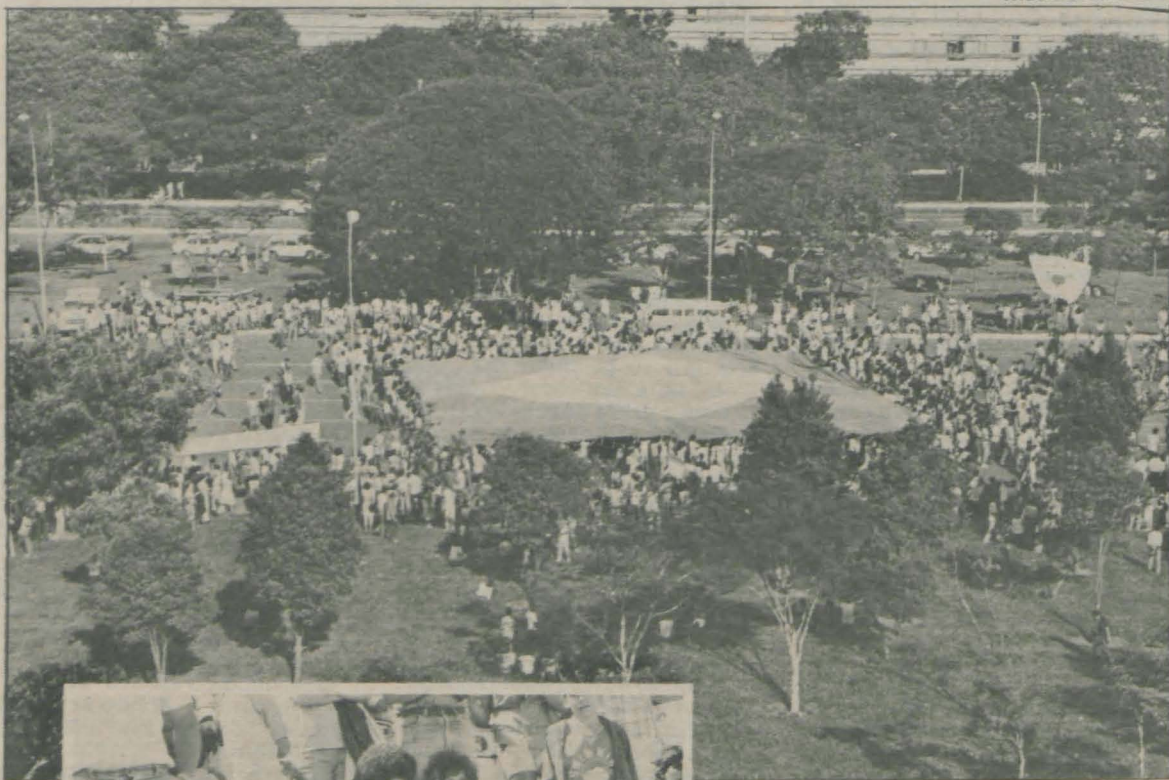
Por diversas vezes durante toda a tarde, boatos anunciaram a vinda do cortejo. Nesses momentos, uma grande fila era imediatamente formada para dar passagem ao esperado acontecimento.

Já passava das cinco horas da tarde quando, com quatro horas de atraso, o cortejo entrou pelo fim do Eixão. A grande bandeira nacional, símbolo marcante nas manifestações populares, saiu da Esplanada dos Ministérios rumo ao eixão para se encontrar com o cortejo. Devido ao atraso excessivo não foi possível que o desfile se realizasse como havia sido planejado. Carros da Polícia Militar foram chamados para agilizar a passagem do corpo do Presidente, evitando assim que a cerimônia no Planalto fosse retardada. Os carros passaram em alta velocidade restando aos populares apenas duas opções: voltar às suas casas e assistir às cerimônias pela televisão ou seguir para a Esplanada e esperar que os portões do Palácio do Planalto fossem abertos à visitação pública. (Ana Paula Macedo).



Tancredix não vem mais impedir que o céu nos caia sobre a cabeça.

Wlândia Drummond



Ulisses Lacava

Dia 22 de abril. Muito atraso e sol quente não foram suficientes para que o povo arredasse o pé. O Bandeirão atravessou a Esplanada dos Ministérios e fez um cortejo à parte, sendo transformado também em um "grande guarda-sol".

"Um homem que o povo queria ver no poder"

Quando o pequeno engraxate Agno, de onze anos desceu de seu ônibus, vindo do setor P. Sul, às oito horas da manhã, com certeza não entendeu muito bem o movimento anormal na plataforma superior da Rodoviária. O Presidente tinha morrido. Era por isso que a sua mãe tinha rezado por vários dias. Para ele, aquela movimentação toda significava a possibilidade de poder levar um bom dinheirinho para casa. E, de fato, antes das 10 horas já tinha feito Cr\$ 2.500,00.

Eram milhares de pessoas, vindo de bem perto, como o jovem Humberto, morador da SQN 202, tudo registrando com a sua máquina fotográfica; de menos perto, como o senhor Reginaldo, do Cruzeiro Novo, ou de bem longe, como a dona Cirlene, que veio de Goiânia.

O que leva essas pessoas às ruas, a virem de todos os lugares prestar a última homenagem àquele que ajudaram a eleger? "É o sentimento de todo brasileiro, que sente hoje a perda do

grande líder, que sofre hoje por ele", diz Reginaldo. "Ah, sei lá. Dá uma tristeza. Um homem que o povo todo estava querendo ver no poder, que ia fazer pelo povo...", diz, consternado um funcionário dos Correios que, apesar de estar em serviço, deu uma escapadinha para ver seu Presidente.

Seu Presidente que se foi. E aquele que fica em seu lugar? Será capaz de governar da mesma forma que o povo esperava de Tancredo? Cirlene acha que não: "Aquilo que o Presidente pensava, eu acho que só ele é capaz de fazer. As pessoas dizem que vão continuar o que ele dizia, mas eu acho difícil". O funcionário dos Correios já pensa diferente: "Os dois eram muito unidos, né?" De qualquer forma, as pessoas pareciam muito confusas. Confusão que só acabou com a passagem de Tancredo. Ai todos tiveram certeza, pelo menos era o que afirmavam seus gritos: "O povo unido, jamais será vencido". (Rudolfo Lago).



Na Praça dos Três Poderes, o clima era de esperança

No dia 25 de abril de 1984, o povo ocupava a Praça dos Três Poderes para acompanhar a votação da emenda Dante de Oliveira. Ao final do dia o clima era de muita frustração e lágrimas. Quase um ano depois, no dia 22 de abril de 1985, o povo ocupou novamente a Praça, e mais uma vez a tristeza tomava conta do ambiente. O motivo agora era prestar a última homenagem ao Presidente Tancredo Neves, eleito indiretamente, mas um dos principais responsáveis pela articulação política que permitiu ao país superar a derrota da emenda das diretas sem maiores traumas.

A multidão, composta na grande maioria de gente das classes mais baixas, esperou durante toda a tarde e grande parte da noite para ver, pela última vez, o rosto de Tancredo. Segundo o sociólogo Ezio, "a causa dessa identificação dos mais humildes com a morte do Presidente é que na miséria a presença da morte é muito maior; a classe mais desprotegida está muito mais ameaçada pela morte. A morte, independentemente de ser a do Presidente ou não, sempre aterroriza todo mundo. Muita gente foi lá não tanto para ver Tancredo, mas numa tentativa de transcender a própria morte, a própria dor que a morte proporciona. Além disso, depois de tanto terrorismo em cima da classe miserável, de dor, de miséria, de tudo, o Tancredo encarnava toda a esperança, toda a ilusão de uma utopia. Por isso eles apaixonaram pelo Tancredo. E nós também".

Com a morte de Tancredo, o povo transferiu essa esperança para José Sarney. "Não adianta tristeza. Porque morre um general, a guerra se acaba? De maneira nenhuma. A guerra continua. O Sarney é um homem muito capaz, que pode dirigir bem a Nação. Eu apóio claramente o Sarney". Essa é a opinião de

João Correia, Missionário do Amor, compartilhada pela grande maioria dos populares ouvidos pelo Campus. Os Missionários do Amor formavam um grupo numeroso em frente ao Planalto, segurando uma faixa na qual se lia: "Feliz a Nação cujo Deus é o Senhor".

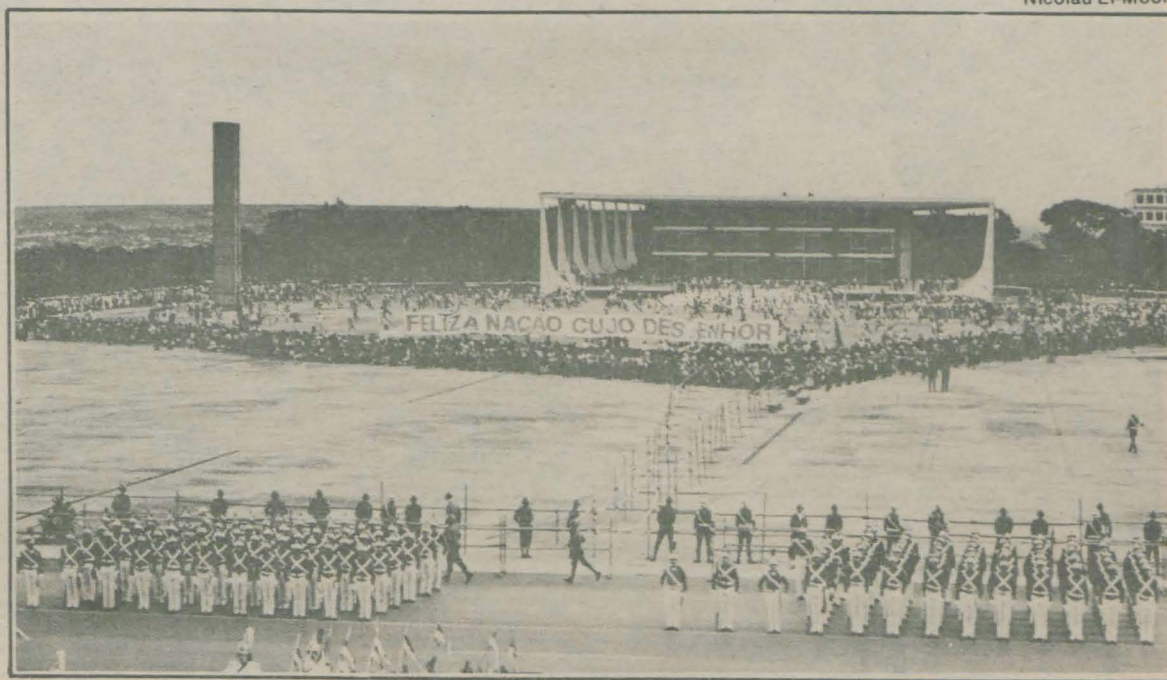
No dia seguinte à noite do velório a quantidade de pessoas presentes na Praça dos Três Poderes diminuiu muito. Os Missionários do Amor não apareceram, mas outro grupo organizado estava lá, também segurando uma grande faixa. Era o pessoal do Partido Comunista do Brasil, e a faixa trazia os dizeres "Fica a certeza da unidade do povo para conquistar a democracia".

O apoio de grupos tão diversos sempre foi uma marca da trajetória política de Tancredo Neves, e acompanhou-o até o fim. Tanto no Hospital de Base, em Brasília, como em frente ao Instituto do Coração, em São Paulo, políticos de direita e esquerda uniram-se a membros das mais diferentes seitas na corrente que torcia por sua recuperação. E na missa de corpo presente celebrada no Palácio do Planalto o toque conciliador foi dado pelo cumprimento trocado entre o ex-presidente Ernesto Geisel e o Presidente da Câmara, Ulysses Guimarães.

Cantando a "Marcha da Despedida" e aplaudindo muito, o povo esperou o esquife com o corpo do Presidente descer a rampa do Planalto e ser colocado no carro que o conduziria até a Base Aérea de Brasília. Durante todo o percurso uma grande multidão aglomerou-se para ver o cortejo daquele que, mesmo sem governar um dia (ou talvez principalmente por isso) conquistou definitivamente o coração dos brasileiros, transformando-se no "Mártir da Democracia". (Catarina Guerra)

Cena 1: O povo se concentra na Praça dos Três Poderes. Cena 2: Emoção e expectativa aumentam na chegada do corpo. Cena 3: No Planalto, uma platéia privilegiada assiste ao espetáculo.

Nicolau El-Moor



A Nova República não permitiu que a população visse mais de perto a chegada do corpo.

Povo foi o grande coadjuvante

Brasília, a capital da frustração de expectativas, palco da renúncia de Jânio, da deposição de Goulart, da proibição do comício das diretas e da derrota da Dante de Oliveira, parece manter ainda um ranço de malogro, mesmo quando, agora, demonstra fazer jus à função de sede da Nova República, que se inicia sob a égide de uma bandeira democrática e humanitária.

Eram dez horas da manhã, quando a população, oriunda de núcleos e cidades-satélites, começou a invadir os gramados da Esplanada dos Ministérios em direção ao Palácio do Planalto. Vestido de roupas domingueiras, munido de sacolas com água, frutas e lanches, o brasiliense veio, com toda a família, mostrar o seu pesar, a sua consternação diante da perda de seu líder, sem suspeitar do que lhe esperava no desenrolar dos acontecimentos. Uma maçada de quatro horas diante do sol e da secura do cerrado, bravamente suportada, foi compensada apenas por uma passagem relâmpago do cortejo que conduzia o Presidente. As dezoito horas, dezenas de motos e carros em alta velocidade faziam sinais para que o povo, há tanto tempo

ansiando por demonstrar a sua tristeza e solidariedade, não atrapalhasse o caminho. No meio de todo esse aparato, um carro blindado, encoberto por flores, deixava no ar a suspeita de que ali encontrava-se o corpo de Tancredo. Em frente ao Planalto, o caixão foi retirado e conduzido ao interior do Palácio. Seguiu-se uma prece, ouvida através de um enorme sistema de som, à porta da Casa Presidencial... e estava encerrado o cortejo.

O povo que foi à Esplanada assistiu a tudo estupefado. Por minutos conseguiu aplaudir o seu líder, quando subia a rampa do Planalto e ainda ensaiou cantar o Hino Nacional, logo interrompido pelo início da celebração religiosa. Brasília pecou, não se sabe se por excesso ou por falta de aparato policial, mas com certeza pela surpresa de ver-se ineditamente invadida por uma população que acorda de um longo sono para mostrar a sua garra e a sua disposição em ir à luta. Em certas horas, como durante boa parte do Eixão Sul, o uso das forças militares pareceu insuficiente para conter a comovida multidão. Em outras, como no trecho da Esplanada dos Ministérios, esse uso pa-

receu ostensivo. No povo, ao final, o cansaço de um longo dia misturou-se à frustração de ter sido duplamente ferido: pela morte implacável e definitiva do mais alto representante de suas esperanças e aspirações e pelo Poder que, compreensivelmente, titubeou ao ver-se surpreendido pela explosão da participação popular, demorando-se quatro horas no trecho que vai da Base Aérea a 106 Sul e empreendendo uma velocidade até perigosa no restante do percurso. Aqueles que conseguiram, madrugada adentro, penetrar o Palácio do Planalto e despedir-se do Presidente, sentiram-se amplamente recompensados, mas os que se foram logo após a celebração da prece, levaram a perplexidade e a dor de verem-se, mais uma vez, frustrados em seus anseios de participação. Mas ficou a descoberta, a constatação de que Brasília é, agora, uma nova cidade, dona de uma população que começa a ocupar todo o seu espaço de fato e de direito. Uma cidade, pelo que espelhou, durante o cortejo fúnebre, definitivamente integrada na tarefa de reconstruir o novo País sonhado por Tancredo. (Amneres Pereira)

Entrada franca para a "Grande Estréia"

Dia 22. É grande a movimentação no Teatro do Planalto. Materiais de cena são distribuídos pelo palco, iluminadores verificam a luz, o som é testado, maquiadores procuram tonalidades escuras nas gavetas dos camarins, costureiras pregam os últimos botões.

13 horas, tudo pronto para a grande estréia. Obras de arte trazidas do Museu de Arte Sacra de São Paulo compunham o cenário. Não é um cenário ousado, nem muito detalhado, porém significativo. Duas enormes tocheiras, seis candelabros, um Cristo de braços para baixo afixado em um painel branco e cinquenta cadeiras de madeira talhada ocupavam o centro do palco.

A iluminação clara destoava do ambiente sugerido pelo autor da peça. O som estava em ordem. A pequena orquestra e seus cantores davam sinais de vida com seus acordes e afinações. O figurino era meticulosamente checado pelo diretor e seus assistentes,

que conferiam as vestes não só dos atores como também do público. Vale dizer que o espetáculo era dirigido aos familiares e à imprensa. Os amantes do teatro o veriam mais tarde, numa segunda sessão.

14 horas, os atores coadjuvantes, ou personagens satélites, se encontram no palco, cansados, à espera dos protagonistas. Os fãs congestionavam o trânsito e impediam que os Rolls Royces dos grandes astros andassem a mais de 10 Km por hora. As flores chegam incessantemente para o ator principal, reconhecido mundialmente como artífice da catarse teatral. Cenógrafos trabalhavam exaustivamente para manter o cenário em ordem. A imprensa registrava tudo. O ambiente descontraído de alguns atores era uma boa oportunidade para os fotógrafos. Nesta altura não existia mais a concentração. Os atores deixavam o personagem para representar o seu próprio "eu".

17 horas: os atores principais ainda não haviam chegado. Fãs exaltados corriam de um lado para o outro, na esperança de verem os seus ídolos. O atraso já era de três horas e meia. Não é muito para uma peça que tinha duração prevista de vinte horas contínuas. Era o espetáculo mais longo da história teatral brasileira.

17:30: chegam os atores principais. Todas as tendências teatrais estavam reunidas. Abrem-se as cortinas. Pela entrada interna surgem personagens brechtianos, artaunianos e shakespearianos. Todos vão para a boca de cena aguardar a figura central da trama. Da-se início ao espetáculo, sob uma ressoante salva de palmas. Atores coadjuvantes retomam seus lugares, dando início à representação.

A crítica brigava por um lugar na primeira fila. Os fotógrafos queriam os lugares mais altos, transformando os cinzeiros em pedestais. Fim do primeiro ato.

O Absurdo estava presente. Atores principais se deslocam ao protagonista para cumprimentá-lo. Ele estava morto. Personagens satélites vão ao centro do palco, para ver o semblante do consagrado ator principal. E a vez dos diretores de cena entrarem em ação. Através de alto-falantes solicitam o esvaziamento dos atores do palco, para que o público possa assistir ao desfecho da peça. Havia entre os coadjuvantes, os bons e maus intérpretes. Os principiantes se esquecem da temática central da peça, a morte de um grande ator, e se dispersam em meio ao grande elenco. Alguns mantiveram a performance durante este tumultuado segundo ato que estava no fim.

No intervalo, o serviço dos diretores de cena foi rápido. Em menos de 10 minutos acrescentaram ao cenário 11 pilares dourados, interligados por fios de nylon verde que cercavam o ator

principal. Agora morto, ele tinha oportunidade de dar asas à sua imaginação e fazer uma de suas mais belas e tristes interpretações.

Início do terceiro ato: começa o mais longo dos atos da grande estréia, que duraria aproximadamente 12 horas. Este porém não era um ato que interessava muito à crítica, pois ela se dissolvia poucas horas depois. Foi o mais tranquilo e gratificante para a estrela do show, pois o seu público passava calmamente para aplaudi-lo.

"A Grande Estréia", foi sem dúvida um grande espetáculo, por sua singularidade. Ao contrário das habituais produções teatrais, não obedeceu à cronologia de que o clímax deveria estar no fim. O auge estava no início, ou melhor, toda a trama estava lá inserida. No segundo e terceiro atos, o declínio da ação era iminente. (Carmen Kozak Simaan e Ana Paula Aralipe)

Luiza Venturelli



Campu

Nicolau El-Moor



Ulisses Lacava



Rosane Carneiro



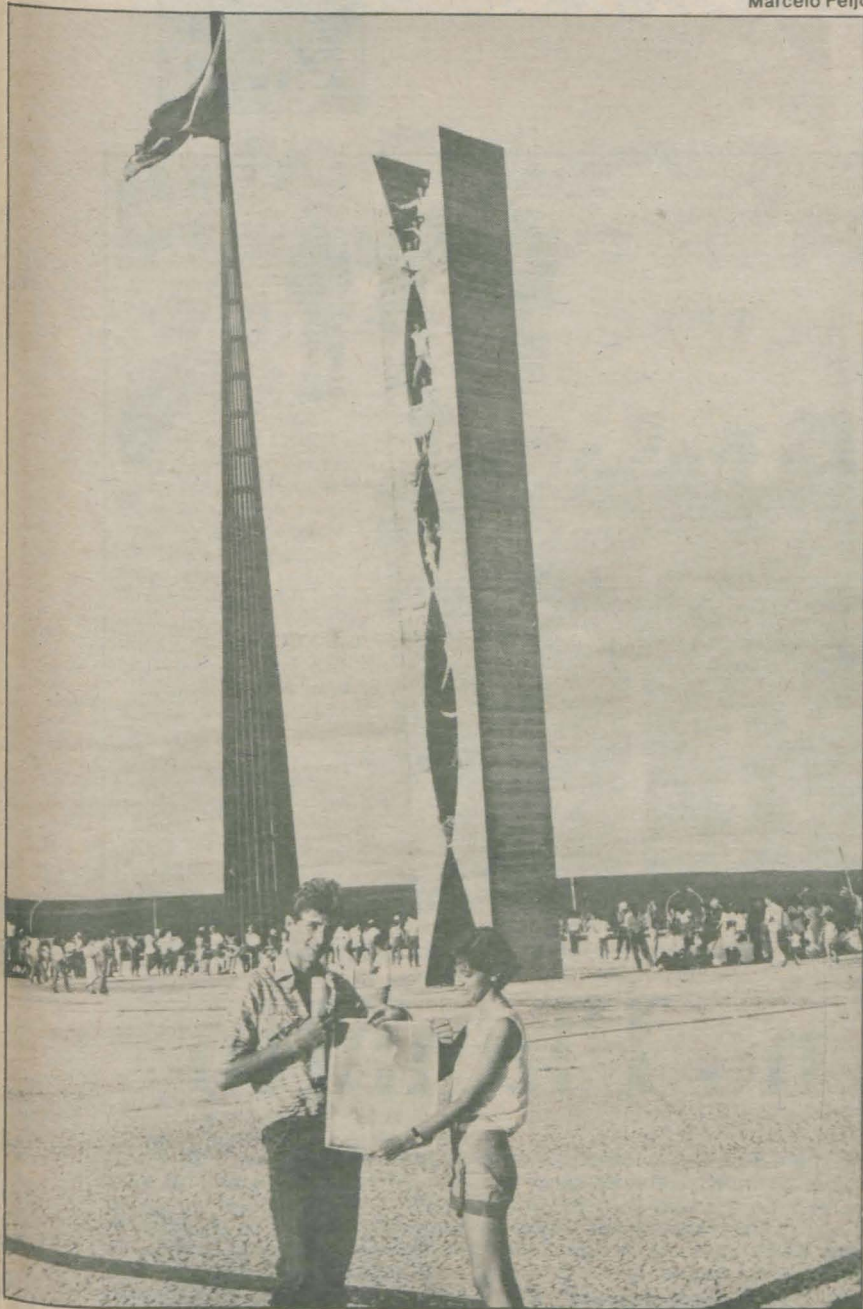
Nicolau El-Moor



Nicolau El-Moor

*Vozes de um só coração
igual no riso e no amor
irmão no pranto e na dor
na força da mesma velha emoção
.....
Sim somos vozes de um só coração
pedreiros
padeiros
coristas
malabaristas da sorte.
Todos, João ou José
sim, nós
esses grandes artistas da vida
os equilibristas da fé.
Pois é.
(Trecho de "Artistas da Vida", Luiz Gonzaga Jr.)*

Marcelo Feijó



Wlândia Drummond



*Eles todos hinos cantaram cantaram
entre jardins e bandeiras
e quase fome e sede passaram passaram
do cais até o sertão
na cidade e na roça
divididos calados
eles todos sonhos sonharam sonharam
todos sonhos sonharão*
(Trecho de "Semente de Adão", Geraldo Azevedo e Carlos Fernando)

Luiza Venturelli



Rosane Carneiro





Nicolau El-Moor



A sombra de Cristo, os cadetes das três Armas depositam o esquife de Tancredo. É o momento mais emocionante do funeral. Num gesto inusitado, os presentes aplaudem.

Emoção e hipocrisia no Planalto

Eram 10 horas. Na entrada da garagem do Palácio do Planalto, jornalistas de vários órgãos de comunicação do país se amontoavam em torno de quatro mesas nas quais os funcionários da presidência da República faziam os credenciamentos. Quarenta minutos mais tarde o Campus tinha dois jornalistas com trânsito livre no Palácio. O tempo era exíguo diante da responsabilidade que acabávamos de assumir, mas suficiente para voltar em casa e trocar o terno bege por um azul escuro, mais recomendado para solenidades fúnebres.

Ao meio-dia, fazia um sol forte naquele 22 de abril de 1985. Credencial na lapela do paletó emprestado por um amigo, entro, pela porta dos fundos, pela primeira vez, no Palácio do Planalto. Um segurança me indica um corredor de paredes brancas ao final do qual existem três elevadores e uma escada. Um dos elevadores é reservado às autoridades. Os outros dois têm, sobre a porta, na parede, uma placa de acrílico escrito "geral" com letras azuis. O elevador estreito e fundo chega ao subsolo. Entro. No painel de botões, ao lado do ascensorista percebo que não existe 1º andar no palácio. Subo ao terceiro, destinado aos jornalistas.

É um grande salão. À esquerda uma parede de espelhos escuros. À direita os vidros que dão ampla visão da Praça dos Três Poderes. À frente uma parede de mármore preto e um corredor pelo qual passarão, mais tarde, as mais altas autoridades da República. O chão é forrado por um espesso tapete pardo. A abertura que existe no lado do salão que dá para a Praça faz o terceiro andar parecer um mezanino do segundo. Apenas metade do salão está reservada aos jornalistas. Na outra metade, uma corda e três funcionários da Presidência só permitem a passagem de autoridades. E o lado que tem o corredor e, ao

pé deste, a rampa que desce ao segundo andar.

O deputado Herbert Levy (PFL-SP) está no terceiro andar, sentado numa cadeira, com uma visão superior do lugar onde ficará o caixão. Encostado na corda que divide o terceiro andar, o secretário-geral do Ministério da Administração, Miro Teixeira, conversa com um amigo. Olhos vermelhos e face abatida recusa-se a falar ao Campus.

São quase 13 horas, aumenta o fluxo de pessoas na Praça dos Três Poderes. Também no Planalto aumenta a movimentação dos jornalistas e autoridades. O corpo do presidente estava quase chegando à cidade. Meia hora mais tarde a Praça já está bastante cheia. No segundo andar do Palácio do Planalto faltam apenas os presidentes dos três poderes, os ministros, governadores e familiares do ex-presidente. A orquestra e coro da Escola de Música de Brasília continuam a afinar instrumentos e vozes. As autoridades presentes formam pequenas rodas de no máximo seis pessoas em cada. Em algumas o clima é tenso e de pesar; em outras beira a descontração. Numa roda o ex-ministro César Cals tem a seu lado um brigadeiro e mais quatro pessoas; a dois metros dele o vice-presidente do PMDB, cassado pelo movimento de 64, Miguel Arraes conversa com o deputado das diretas, Dante de Oliveira. Mais à frente dois generais de quatro estrelas conversam com outros dois oficiais superiores. Ao lado o deputado Nelson Marchezan, cuja voz ressoa no 3º andar, fala a cinco pessoas. O deputado-cacique Mário Juruna circula com o seu paletó cinza claro, calça salmão clara e seus longos cabelos lisos. E uma figura que se destaca. Podia-se ver ainda várias outras autoridades: membros dos poderes legislativo e Judiciário. Os deputados têm

na lapela do paletó um pequeno broche dourado, em relevo, do Congresso Nacional, que os identifica.

Penso o que aproxima pessoas tão dispares como o ex-ministro César Cals e o deputado Miguel Arraes? E evidente que é o respeito pelo ex-presidente Tancredo Neves. E isto é uma das provas que ele foi um conciliador. Mas, agora, enquanto se aguarda a chegada do corpo do ex-presidente, o que se vê no 2º andar são especulações, política pura e simples. Sem dúvida, a hipocrisia é uma das maiores virtudes dos políticos.

E uma boa prova disso está no fato de após as 14h e 30 min (quando já se sabia que o cortejo iria demorar a chegar) os políticos começaram a circular pelo Planalto atrás de uma entrevista e a chance de ter algumas linhas com alguma frase sua publicada no dia seguinte. Por essas horas subiram ao terceiro andar deputados como Israel Pinheiro Filho (PFL-MG) e Nelson Marchezan (PDS-RS), o senador Jorge Bornhausen (PFL-SC) e o Secretário de Planejamento de São Paulo, José Serra. Todos muito abatidos não só pela morte do Presidente como também pela noite maldormida, rasgada por especulações políticas e reflexões sobre o futuro do país.

Por volta das 17h o 2º andar se encontra mais vazio ainda. Muitas das rodas de conversa são formadas, agora, por jornalistas que aproveitaram o relaxamento da segurança e conseguiram descer ao piso das autoridades. As 17h e 30 min o salão enche novamente. Num sóbrio terno preto que deixa à mostra apenas a parte superior da gravata e o colarinho branco da camisa, o Presidente José Sarney acompanhado

de sua esposa, Dona Marly, e da viúva, Dona Risoleta, dirige-se à rampa do Palácio do Planalto. Postado à entrada, na parte superior da rampa, ele vê uma das maiores multidões que a Praça dos Três Poderes conheceu. Comovido, em posição de sentido, ele houve o primeiro dos 21 disparos de canhão em homenagem ao Presidente. Eram 17h e 39min.

Ao pé da rampa, separando as autoridades e o povo, o tanque Urutu, do Exército Brasileiro pára. Por toda a extensão da rampa, num e noutro lado, os Dragões da Independência, responsáveis pela guarda do Palácio, contemplam a retirada do caixão do Urutu. Eram 17h e 45 min quando as luvas pretas dos cadetes da Aeronáutica e as luvas brancas dos cadetes da Marinha e do Exército seguraram o caixão. Tancredo, morto, subia a rampa do Planalto. O povo grita seu nome. No interior do Palácio o silêncio fúnebre foi quebrado com uma espontânea salva de palmas à entrada do corpo.

Os cadetes colocam o caixão do Presidente num suporte forrado de veludo vermelho em frente a um altar improvisado. A cabeça do Presidente está voltada na direção do povo, na Praça. Ao pé da urna funerária a Ordem do Mérito Nacional, a mais alta condecoração do Governo brasileiro. À direita do Presidente morto está o Presidente Sarney, Dona Marly e Dona Risoleta. Por trás deles, o resto da família. À esquerda está a fileira de cadeiras para os presidentes dos outros poderes e para o Núncio Apostólico Dom Carlo Furno.

A bandeira que cobria o caixão é retirada às 17h e 49 min; o Presidente Sarney espera ainda dois minutos para sentar-se. Um silêncio fúnebre carrega o ambiente. A comoção é grande; o choro,

muitas vezes, incontrolável. O abraço fraternal é o símbolo mais solidário nesse momento. As 18h em ponto chegam os presidentes da Câmara, Ulysses Guimarães, e do Senado, José Fragelli, e os líderes do Governo na Câmara, Pimenta da Veiga, no Senado, Humberto Lucena e no Congresso, Senador Fernando Henrique Cardoso. Um minuto antes havia chegado o arcebispo de Brasília, Dom José Freire Falcão e o Bispo Auxiliar, Dom Geraldo Avila. As 18h e 08min, inicia-se a missa de corpo presente. Dez minutos depois se encerra. Mais dois minutos, o neto do Presidente, Aécio Neves, retira, auxiliado por dois parentes, o tampo de madeira que cobria parte do caixão, deixando à mostra o rosto e parte do peito de Tancredo Neves. O Presidente está de terno preto traspassado por uma cópia da faixa presidencial que deveria ter recebido no dia 15 de março.

Eram 18h23min e 28 seg, quando o Presidente José Sarney e sua esposa levantaram-se e olharam pelo vidro do caixão por 30 segundos o rosto de Tancredo. Em seguida, passaram a dar as condolências aos parentes do ex-presidente. Os governadores e os ministros de Estado repetiram a atitude de Sarney.

As 19h, praticamente todas as autoridades já haviam se retirado. Politicamente, podia-se concluir que o legado de Tancredo Neves marcará ainda por muito tempo a vida do país. E era por isso que o deputado Israel Pinheiro Filho falava em "mistica" de Tancredo; o governador Leonel Brizola em "ideal" de Tancredo; o ministro Marco Maciel em "fantasma" de Tancredo e o deputado Dante de Oliveira em "símbolo" de Tancredo. (Luciano Suassuna).



No Congresso, especulações sobre a posse de Sarney

Nicolau El-Moor



José Fragelli: "Os homens passam, mas as instituições, não"

Em apenas dois minutos e meio, o presidente do Senado, senador José Fragelli, anunciou oficialmente ao Legislativo a morte do Presidente Tancredo Neves. O Congresso não apresentava a sua movimentação normal naquela manhã de 22 de abril. Dos 542 parlamentares, apenas 250 estavam presentes.

Após a sessão, os deputados e senadores se espalharam pelas dependências da Casa. Uns retornavam aos seus gabinetes, para acompanharem pela televisão o percurso de Tancredo. Outros transitavam pelos corredores, concedendo entrevistas e conversando com amigos.

A concentração dos congressistas era no Salão Verde da Câmara. Lá formavam-se as rodas de especulação. Grupos de três a quatro parlamentares se reuniam para falar sobre o mesmo assunto: o Brasil sem Tancredo. A permanência do Vice-presidente José Sarney na Presidência não era questionada. "A Constituição está aí para ser cumprida", afirmava o deputado Nelson Marchezan.

Senadores e deputados reiteravam o seu apoio a Sarney, afastando assim a possibilidade de vivermos momentos tão delicados como quando Jânio Quadros renunciou em 1961, e o Congresso não aceitou o vice João Goulart para tomar as rédeas do país. O senador Aluisio Chaves, do PDS do Pará, declarava, junto ao restaurante do Senado, que seu partido iria apoiar o Governo naquilo que fosse interesse do país.

Em todo o Congresso, reinava uma espécie de calma e tranqüilidade. Nos bastidores, porém, respirava-se um ar tenso. A expectativa era grande em torno da chegada do corpo de Tancredo Neves na Base Aérea de Brasília. As expressões dos parlamentares variavam entre desconsolo, tristeza e descontração. Numa das salas do PMDB, onde cerca de vinte congressistas acompanhavam

vam o trajeto da comitiva presidencial pela televisão, o ambiente oscilava entre um piquenique e uma grande vigília. Cafezinhos, cinzeiros cheios e telefones que não paravam de tocar, chamavam a atenção de qualquer um que entrasse naquele gabinete. O deputado Ronan Tito, ex-Secretário do Trabalho no Governo de Minas, emocionado falava: "Tancredo será o maior Presidente da República de toda a História do Brasil, sem tomar posse".

A imprensa fazia parte do cenário. Iluminação ostensiva, microfones, monitores de televisão e um emaranhado de fios se misturavam aos congressistas.

Os senadores José Fragelli, presidente do Senado, e Humberto Lucena, líder do PMDB no Senado, declaravam: "Os homens passam mas as instituições não. Esperamos que a Aliança Democrática saiba honrar todos os compromissos firmados em praça pública pelo grande comandante em chefe Tancredo Neves".

(Carmen Kozak Simaan e Ana Paula Araripe).

O nascer do sol no dia 23 encerra a visitação pública ao corpo exposto do ex-presidente. As 7 horas o Palácio é fechado aos populares. A última cerimônia oficial em Brasília. O Presidente José Sarney recebe as condolências dos representantes de governos estrangeiros. Eram 9 horas quando se iniciou a missa de réquiem. As autoridades que não puderam comparecer ao Planalto no dia anterior estão presentes hoje. Duas pessoas se sobressaem: o presidente das Organizações Globo, Roberto Marinho, que está na segunda fila das cadeiras reservadas à família do ex-Presidente e o general Ernesto Geisel, no lugar reservado aos ex-Presidentes da República. Geisel está entre o Nuncio Apostólico e Decano do Corpo Diplomático, Dom Carlo Furno e o senador José Fragelli, presidente do Senado Federal.

A missa é concelebrada pelas mais altas autoridades eclesásticas brasileiras, incluindo o Cardeal-Primaz, Dom Avelar Brandão Vilela, e pelo enviado especial do Papa João Paulo II; cardeal Prefeito da Congregação do Patrimônio da Santa Sé, Dom Agnelo Rossi. Da missa, dois momentos se destacaram: o demorado abraço que o secretário-geral da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, CNBB, Dom Luciano Mendes deu em Dona Risoleta e o abraço cauteloso como o ex-presidente Geisel e o presidente da Câmara, deputado Ulysses Guimarães. Ulysses foi o antecandidato de Geisel no Colégio Eleitoral em 1974. Na hora da comunhão Dona Risoleta foi a primeira, sucedida por Dona Marly, pelo governador Franco Montoro e outras autoridades e familiares do ex-Presidente.

A missa de terça tem o clima menos carregado que a do dia anterior. Quem foi a missa para ar-

Na cobertura do funeral de Tancredo, um turbilhão de emoções: dúvida no Congresso, consternação nas ruas, articulações no Planalto, tensão e euforia dos "focas".

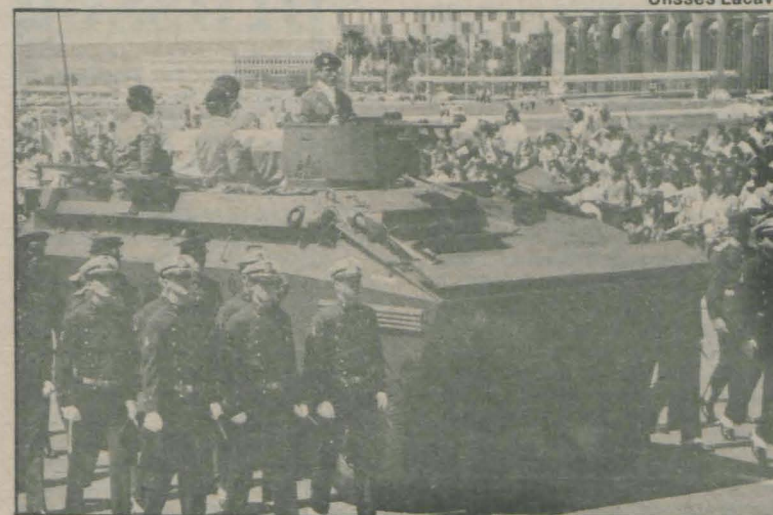
Missa vira articulação. Depois, o último adeus

ticular e fazer entendimentos o fez com muito mais descontração que no dia 22. E o caso do senador Paulo Brossard que em nenhum momento dispensou a companhia do presidente da Caixa Econômica Federal, Marcos Freyre. A genuflexão do cardeal Agnelo Rossi os políticos aumentaram o ritmo das conversas de pé-de-ouvido. Praticamente todas as autoridades dialogam descontraidamente ao som da Oração de São Francisco, entoada pela orquestra e coro da Escola de Música de Brasília. Enquanto o Presidente Sarney, Dona Risoleta, Tancredo Augusto e Aécio Neves fecham o esquife, as elites militar, eclesástica e política fazem, involuntariamente, reuniões informais, auxiliadas pela organização do cerimonial. O que eles discutem nós, do 3º andar, não podemos escutar. Podemos apenas ver o clero com os seus hábitos preto e uma faixa roxa na cintura, conversar e gesticular comedido sob a rampa que une o 2º ao 3º andar; vemos militares das três Forças,

todos com seus uniformes mais pomposos circularem discretamente entre rodas de políticos, respeitosamente vestidos com ternos escuros. Certamente ali, no 2º andar, discute-se muito da vida do país nas próximas semanas.

Os ministros das Casas Civil, José Hugo Castello Branco e Militar, Rubem Bayma Denus cobrem o caixão do ex-presidente com a bandeira brasileira. O Presidente José Sarney retira-se em direção ao corredor do 3º andar. Acompanham-no os chefes de Estado e de Governo das nações estrangeiras. Todas as outras autoridades retiram-se para o Eixo Monumental onde haverá a última cerimônia militar em Brasília. Na descida da rampa elas se comprimem. Da Praça dos Três Poderes a população vê uma das maiores concentrações de poder por metro quadrado da História do Brasil. (Luciano Suassuna)

Ulisses Lacava



Com o tanque à frente, caminha o cortejo. O povo se despede de Tancredo

Na rua, com a bola toda, os focas do Campus

Rosane Carneiro.

"Lugar de jornalista tem sido na sala dos fundos, junto com os cachorros, garçons e os contínuos". (José Negreiros, jornalista do Jornal do Brasil, em palestra no Departamento de Comunicação).

Foi para a sala dos fundos do Congresso Nacional e do Palácio do Planalto, que nós, repórteres do Campus, nos dirigimos nos dias 22 e 23 de abril. Tínhamos credenciais para cobrir as cerimônias de exéquias do Presidente Tancredo Neves.

Entusiasmados com a possibilidade de participar de um grande evento nacional, fomos para casa trocar de roupas. E porque para uma tarefa tão importante tínhamos de nos vestir apropriadamente. Como? O fotógrafo pegou a calça cinza da irmã; uma repórter pegou uma saia verde de malha da última moda, crente que estava fazendo sucesso; a outra vestiu uma minissaia rosa, acreditando que com as suas lindas pernas

não enfrentaria barreiras. Um repórter mais informado sobre funerais foi com um terno bege.

As roupas não impediram de entrar no Palácio do Planalto. No entanto, passados alguns minutos, fomos gentilmente convidados a nos retirar. "Roupa clara numa hora dessas é esculhambação", disse um dos responsáveis pelo cerimonial, solene, com seu cachimbo na boca.

Ah, as entrevistas! Estas foram marcadas por alguns aspectos curiosos. Tirando o nervosismo, os famosos "brancos" e o gaguejar, até que nos saímos bem. Faltou um salto alto para falar com o deputado Dante de Oliveira; uma câmera fotográfica que não fosse "xereta", conhecer melhor as autoridades, e não chamá-los de Franco Montoro quando estávamos falando com Moreira Franco.

Quanto ao ambiente, ficamos um pouco impressionados com a euforia que víamos em determi-



A "foca" Edna entrevista Lula o presidente do PT.

nadas rodas. Somente o que fazia com que não confundíssemos o "velório de um grande homem" com um piquenique era a ausência de comida. As rodinhas se formavam e as pessoas conversavam animadamente. A certa altura, o senador Saturnino Braga soltava uma estrondosa gargalhada, o que fez com que todos se virassem para ele. Para ele, não era esculhambação.

Agora vamos falar dos nossos companheiros: os repórteres profissionais. Alguns nos ajudaram, nos mostrando quem era quem ou nos introduzindo aos políticos. Como não podia faltar, havia os antipáticos, sem nenhum espírito de coleguismo, aqueles que têm "um rei na barriga". Para eles foca — jornalista principiante — é cachorro, burro. Uma repórter da TV Manchete não podia nem nos ver pintados. Também pude-ramos: toda vez que ela estava entrevistando alguém, lá iam nós

com os nossos humildes gravadores atrás de entrevistas. A culpa não era nossa, estávamos apenas seguindo orientações de um simpático colega que disse: "Onde tiver luz de televisão pode ir atrás e aproveitar a entrevista, pois deve ser alguém importante".

Apesar da fome, dos calos nos pés e das calças e saias que não paravam no lugar, tentamos cumprir direito a nossa tarefa. Não faltaram ainda os bate-papos com funcionários, as paqueras e as brincadeiras.

E pena que este aprendizado tenha sido realizado numa hora tão triste para o país, mas foi exatamente este momento que nos proporcionou uma das maiores experiências profissionais de toda a carreira que temos a seguir.

Como diria Pulitzer, estamos a serviço do bem-estar e da segurança das pessoas que confiam em nosso trabalho. (Carmen Kozak, Ana Paula Araripe, Rudolfo Lago e Alessandro Galvão)

"O Partido da Frente é um instrumento só para posições políticas, não um partido definitivo. Na hora em que todo o PDS se transferir para a Frente, eu saio dela". (Israel Pinheiro).



Sarney no comando: quem apóia?

Apesar de filiado ao PMDB, não é segredo para ninguém que o Presidente José Sarney adota um estilo político mais próximo do Partido da Frente Liberal do que propriamente de seu partido. Sua filiação é fruto de razões políticas e não ideológicas. Assim como os membros da Frente, também provém do PDS, do qual foi, inclusive, um dos últimos a sair. Seu comprometimento anterior com o antigo partido do governo, poderia abrir espaço para que o PDS se aproxime do novo governo? Dentro da Aliança Democrática, o PFL terá maior poder de influência que o PMDB? Essas questões foram colocadas pelo Campus a alguns dos principais expoentes destes partidos, enquanto se aguardava no Planalto a chegada do esquife com o corpo do presidente eleito Tancredo Neves.

Para o deputado Israel Pinheiro Filho, um dos fundadores do PFL mineiro e importante articulador do chamado "pacto de Minas", a formação do PFL foi precipitada. Para ele, nenhum partido terá forças, pois acredita que antes mesmo da Constituinte haverá uma grande reforma partidária. "O projeto que foi aprovado na comissão permite você formar partidos com 5000 eleitores em cinco Estados, permite a filiação partidária no dia da convenção. O Partido da Frente, é um instrumento só para posições políticas, mas não é um partido definitivo".

Outra preocupação que, para Israel Pinheiro, inviabiliza o PFL é o fato de que "o PDS está todo se transferindo para a Frente. Na hora que todo o PDS se transferir para a Frente, eu saio dela". Na avaliação do deputado mineiro, a

Nicolau El-Moor



Marchezan: "Com Sarney, só se os interesses do País recomendarem"

nova Constituição será votada com seis ou oito novos partidos.

O PODER É DA ALIANÇA

Para o senador Jorge Bornhausen, presidente do Partido da Frente Liberal, "o poder será exercido pela Aliança Democrática, através de seus integrantes mais expoentes, com o Presidente José Sarney e o Ministério escolhido por Tancredo". Para o senador, não haverá nem ao menos mudanças na equipe do Governo. Quanto à força dos partidos que integram a Aliança, elas são iguais, e é com esses partidos que Sarney conta no Congresso para exercer seu governo.

O deputado Nelson Marchezan (PDS-RS) afirma que a posição do PDS neste momento é de respeito à Constituição. "Nós queremos que o doutor Sarney assuma, com todas as forças políticas que o apoiem". E entre essas forças, pode estar o PDS? Para Marche-

zan, isso é viável, "desde que os interesses do país recomendem e o próprio doutor Sarney queira isso. Mas é preciso que os interesses do país recomendem isso. Não uma aproximação por interesse, por emprego ou qualquer coisa dessa ordem, dessa forma, não há a menor razão". Essa aproximação só será possível, afirma o deputado, "no sentido de superar a crise, de dar força a um presidente constitucional, civilista, para tocar o Brasil para frente, para não deixar que a crise se abata sobre nós".

Ao que parece, tem razão o deputado Israel Pinheiro Filho, quando afirma que "ninguém vai ter coragem de fazer oposição ao novo governo. Como diz o deputado, 'quem é que vai contrariar o espírito de Tancredo Neves. Quem? Me diz um!'. (Rudolfo Lago).

"Sempre disseram que Deus era brasileiro. Deus deve ter passado 21 anos de férias durante esse período de regime militar que aí esteve. Quando pensamos que ele tinha voltado de vez para ficar no Brasil, verificamos que só veio de passagem e foi embora novamente". Estas são palavras do jornalista e professor do Departamento de Comunicação, Carlos Chagas, sobre a morte de Tancredo Neves.

De acordo com Chagas, é um pouco irônico que a democracia no Brasil continue com José Sarney, "logo ele que foi presidente do PDS". Acredita, entretanto, que Sarney tem todas as condições de levar adiante o ideal de Tancredo.

Na sua opinião, nada irá mudar na UnB pois ela sempre despertou a consciência nacional contra a ditadura. Na medida em que o consenso democrático continue enraizado entre alunos e professores, diz Carlos Chagas, a UnB seguirá seu caminho em favor da democracia.

A professora Adalgisa do Rosário, do Departamento de História, disse que a morte de Tancredo Neves significa a desesperança do povo brasileiro, principalmente dos segmentos mais massacrados da sociedade. Para ela, o povo foi às ruas depois do falecimento de Tancredo "num sinal de protesto, mostrando a força que tem quando há um objetivo a alcançar. Esse objetivo são as mudanças que todos esperam".

Entretanto, afirma Adalgisa, caso ele tomasse posse as coisas não iriam mudar muito pois sempre esteve ao lado das classes detentoras do poder. "O pacto social proposto por ele era justamente um pacto entre as classes dominantes".

Questionada a respeito de possíveis mudanças na UnB, declarou que somente a médio ou longo prazos poderá surgir uma nova Universidade de Brasília. "O nosso caso é particular porque nós tivemos aqui 17 anos de autoritarismo e o azevedismo ainda não acabou. Não se varre, de uma hora para outra, uma ideologia da qual a Universidade está impregnada".

Quanto a Sarney, Adalgisa acha que ele sente que não tem a

Democracia na UnB prossegue sem Tancredo

mesma popularidade de Tancredo. Por esta razão, irá procurar mostrar à Nação que é capaz de realizar um bom governo. "Eu creio que ele pode até se sair muito bem".

Para Dércio Munhoz, professor do Departamento de Economia, Tancredo Neves representou a recuperação da esperança que os 21 anos de autoritarismo eliminou da sociedade. "Sua morte foi como se arrancassem alguma coisa de todos nós. Por isso, foi algo chocante e todos nos sentimos um pouco órfãos".

"Eu acho que os ideais de Tancredo com relação à liberdade e democracia tiveram uma importância muito grande no sentido de se permitir esse processo que se consolida na UnB", diz Munhoz. Apesar disso, entende ele, que a UnB sempre esteve na frente e que, por esta razão, a morte de Tancredo Neves não trará grandes mudanças.

Ao seu ver, os anseios da sociedade, principalmente da população mais pobre, devem determinar os rumos do atual governo. "O Governo terá que vir ao encontro dessas necessidades da população". Por esta razão, acredita que Sarney irá realmente proceder as grandes reformas que o povo espera pois foram compromissos assumidos em praça pública.

Para João Carlos Teatini, presidente da Associação dos Docentes da Universidade de Brasília (ADUnB), Tancredo Neves foi uma figura muito importante para a UnB pelos vínculos afetivos que manteve com a instituição. "Foi ele quem assinou o decreto de fundação da UnB".

Além disso, em novembro do ano passado, escolheu a UnB para lançar seu programa de governo com relação à Universidade brasileira. Mais tarde, no mês de dezembro, em carta enviada a ADUnB, deu apoio aos nomes

eleitos pela Universidade, Cristovam Buarque e Dércio Munhoz, para substituir José Carlos Azevedo.

Teatini diz que cabe à comunidade universitária não deixar que esse vínculo de Tancredo Neves com a UnB caia no esquecimento. "Devemos mostrar aos atuais dirigentes do País que os compromissos de Tancredo com a UnB devem ser considerados e aprofundados".

Na sua opinião Sarney tem condições de fazer um bom governo pela experiência política que ele possui. Acha, entretanto, que a sociedade civil tem que desempenhar um papel fundamental: "Pressionar o atual governo, que tem um ministério de tendência conservadora, para que ele avance e se encaminhe em direção aos anseios do povo".

Sadi Dal-Rosso, vice-presidente da Associação Nacional dos Docentes do Ensino Superior (ANDES), disse que a morte de Tancredo Neves foi uma grande perda para o movimento docente pois havia muitos objetivos comuns entre ANDES e o presidente eleito. "A perda de Tancredo foi lamentável porque ele representava a redemocratização do País".

Ao afirmar que a luta por melhores condições de ensino da UnB sempre foi feita por professores e alunos, Dal-Rosso, disse que não existe perspectivas concretas do Presidente José Sarney se tornar um empecilho para a redemocratização da Universidade. "Nós perdemos um apoio importante. Isso não significa que Sarney irá atuar negativamente com relação à UnB".

"Nosso trabalho com Tancredo seria muito facilitado pois nós tínhamos o respaldo dele. Sem ele, temos que fazer as mesmas coisas, cumprir os mesmos ideais. Sem a presença dele mas, talvez, até reforçado por isso".

disse Luiz Otávio, Reitor interino da UnB.

Para ele, os compromissos de Tancredo com a UnB são inalienáveis não vendo possibilidade em interesse de Sarney fugir deles. "Não acredito que Sarney na Presidência da República venha introduzir qualquer alteração substancial no que se refere aos compromissos assumidos com a UnB".

"A minha esperança era enorme com Tancredo. Não era uma esperança fundada apenas na opinião pessoal mas em função do que ele representava e dos compromissos que assumiu. Sem Tancredo, caso mantidos os compromissos assumidos por ele, eu não tenho dúvidas que Sarney também logrará o mesmo êxito".

Na opinião de Júlio Cesar Melatti, professor do departamento de Antropologia, a morte de Tancredo Neves foi uma decepção para todos, pois o caso dele é único no Brasil — um presidente que não foi eleito com voto direto, teve apoio popular, e não chegou a tomar posse.

No entanto, Melatti acrescenta que colocar tudo nas costas de Tancredo é ainda um resquício de nosso pensamento autoritário. "No Brasil existe outros políticos que poderão dar a sua contribuição e continuar o seu programa democrático". Para ele, o que ocorreu foi um pouco de mistificação em torno do falecido Presidente: "Estava-se esperando, na verdade, muito mais que ele poderia dar".

A morte de Tancredo Neves, segundo David Fleischer, professor de Ciência Política, exigiu das instituições políticas brasileiras um rápido amadurecimento: "O Congresso Nacional e os partidos políticos, às pressas, cresceram politicamente em termos de responsabilidades".

As previsões de Fleischer são de que a classe política terá que

manter sua união, obrigando o PMDB e o PFL a obter uma grande maioria no Congresso para poderem impor seus projetos. "Isso irá exigir uma conciliação muito grande entre os dois partidos. Tancredo era o casamento ideal. Agora eles terão que manter o casamento por suas próprias forças".

Para Fleischer, com a posse definitiva de Sarney na Presidência, será praticamente formalizado um sistema parlamentar no qual Fernando Henrique Cardoso e Ulysses Guimarães funcionarão como primeiros ministros. Haverá, então, um governo de co-gestão onde o Executivo repartirá as responsabilidades com o Legislativo. "O Congresso cresceu muito em suas atribuições e poderes, e isso, apesar de tornar o processo de decisões mais vagaroso, é muito salutar porque, assim, a política começa a transbordar para debates, discussões e conciliações".

No entender de Fleischer só haverá uma grande mudança na UnB se o atual ministro da Educação for remanejado para outra função. Para ele, isso seria negativo, pois Marco Maciel tem demonstrado grande preocupação em melhorar o ensino superior.

Eumano Silva, do C.A. de Comunicação, acredita que com a morte de Tancredo Neves o quadro político do País será alterado pois era ele que assegurava a estabilidade da Aliança Democrática. "Apesar da ausência de Tancredo, a Aliança Democrática tentará manter-se unida até a Constituinte. A partir de então, haverá uma grande reformulação tanto partidária quanto na composição do próprio Governo".

Com relação à sucessão na UnB, Eumano acha que a influência de Luiz Otávio deverá crescer por ele pertencer ao Partido da Frente Liberal (PFL). "Ele tentará de uma forma mais efetiva ocupar o maior espaço possível, já que a Presidência da República está sendo exercida por Sarney, que tem profundas ligações com o PFL". (NARA FERREIRA E MURILO MILHOMEM).



Tancredo desperta a atenção do mundo para Nova República

Talvez em toda a história política do Terceiro Mundo, o desaparecimento de um líder jamais causou tantas manifestações e repercussão quanto a morte do Presidente Tancredo Neves. Certamente que toda a comoção social causada pelo acompanhamento dos quase 40 dias de internação que antecederam o triste desfecho de seu tratamento contribuiu para sedimentar a cristalização de um símbolo nacional, estandardizado na Nova República, que acabou por sepultar seu próprio criador como seu primeiro mártir.

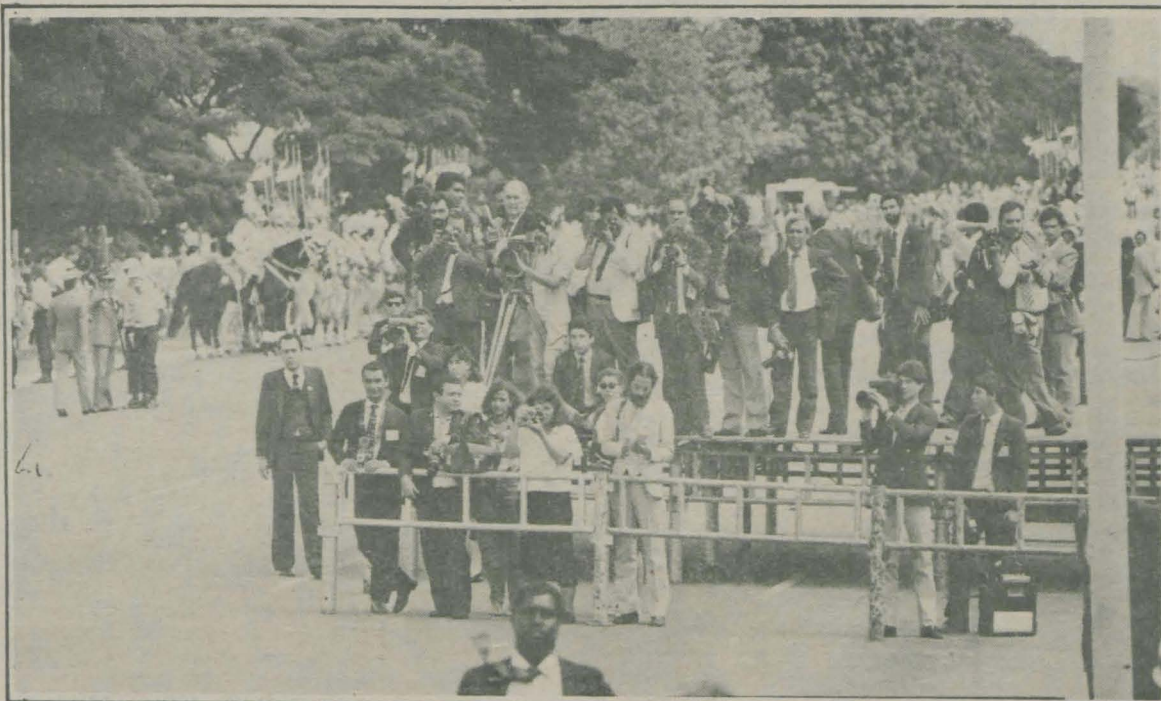
O desaparecimento de um político de projeção num país terceiro-mundista de um modo geral, e na América Latina em particular, sempre arrastou grandes massas para as ruas, como ocorreu na Argentina de Perón, ou no próprio Brasil de Getúlio Vargas. Entretanto, o falecimento de Tancredo Neves conseguiu despertar não só a atenção interna, mas, principalmente, arrancou manifestações internacionais das

partado na comunidade internacional revela-se na numerosa correspondência recebida pelo Presidente José Sarney e pelo Itamarati, durante as cerimônias fúnebres do Doutor Tancredo Neves.

Sua morte trouxe manifestações de pesar de todos os continentes além do deslocamento de missões estrangeiras dos mais variados países. O Suriname por exemplo, que enviou seu Primeiro Ministro Udenhout, o embaixador no Brasil e o subchefe do Protocolo do Ministério dos Negócios Estrangeiros. Também se reuniram novamente em território brasileiro representantes da Nicarágua e Estados Unidos, através do ministro secretário de Assuntos do Governo Central (Nicarágua) e o Secretário de Comércio, Malcom Balridge (EUA), lembrando o desconfortável encontro entre o presidente Ortega e o Secretário Schultz, por ocasião da cerimônia de posse. Também conseguiu a maior manifestação de pesar já expedida pelo Vaticano através de duas laudas escritas pelo Papa João Paulo II e a vinda de chefes de Estado como o General Ramalho Eanes, de Portugal; do Presidente uruguaio, Julio Sanguinetti e o Primeiro-Ministro peruano, Luis Perovich. Também merece destaque a comitiva enviada pela Venezuela, que trouxe ao Brasil, além de seu presidente, Jaime Lusinchi, mais de 10 representantes do governo, entre ministros de Estado e políticos, além de 10 correspondentes de jornais e televisão. Também trouxe o Ministro chileno das Relações Exteriores, Jaime del Valle Allende, apesar de sua pública manifestação de descontentamento com o regime do General Pinochet.

O porta-voz do Itamarati, Renato Guimarães, em entrevista concedida ao Campus, explicou que o Itamarati instruiu suas embaixadas no exterior para a comunicação oficial do falecimento e a abertura de um livro de condolências para que autoridades e particulares pudessem manifestar seus sentimentos. Observou ainda que foi significativo o movimento nas embaixadas, depois da confirmação do falecimento do Presidente.

O chanceler brasileiro, Olavo Setúbal, manteve também contato com a Imprensa e afirmou sua confiança no Presidente José Sarney que, segundo Setúbal, deverá conduzir o país dentro da herança política de Tancredo Neves, consubstanciada no acordo da Aliança Democrática. Setúbal assegurou que a política externa brasileira tem um consenso nacional, apoiada inclusive pelo próprio Tancredo Neves, não acreditando, portanto, que haja um desvio significativo nas linhas de condução tradicionais adotadas pelo Itamarati e que continuem sendo desenvolvidas sob a sua direção. Adalberto Passos



Fotógrafos e cinegrafistas de todo o mundo se esforçam para registrar as últimas imagens

E o Brasil explode na imprensa internacional

Vinte e duas horas e trinta minutos numa casa do Lago Sul, em Brasília. Um senhor de estatura mediana, pele tostada, talvez pelo sol da Andaluzia, caminha nervoso pela sala e digita uma tecla do terminal de computador encostado à parede. Naquele instante, centenas de teletipos espalhados pelo mundo começam a dar a notícia da morte do Presidente Tancredo Neves, divulgada pelo assessor de imprensa Antônio Brito, há alguns segundos. Três minutos depois, aquele senhor recebe um telefonema da Rádio Popular de Madrid, pedindo a confirmação da notícia.

Este procedimento de Francisco Roque Bacarreza, correspondente da agência de notícias espanhola EFE, foi repetido em vários lugares naquela fatídica noite de 21 de abril, enquanto milhares de brasileiros choravam diante da "bárbara bela tela de TV". Tal como Bacarreza as outras agências tinham engatilhado na memória de seus computadores textos prontos sobre a morte de Tancredo, além de comentários e biografias de José Sarney. Bastaria acionar uma tecla para que todo esse material chegasse às redações de jornais do mundo inteiro.

Esse aparato espantoso da comunicação moderna, entretanto, não deixa de ter seus inconvenientes. Pelo menos três empresas se anteciparam à notícia oficial da morte de Tancredo, como a France Presse que, já no dia quatro de abril, durante a Semana Santa, quando o estado de saúde do nosso Presidente se agravou, despachava para seu 5.500 assinantes espalhados por todo o mundo, a informação do falecimento. No dia oito era a vez da Voz da América e, três dias depois, a BBC de Londres anunciava solenemente que Tancredo deixara de viver.

Dalmy de Abreu Onofre, assistente editorial da Reuters, compara a cobertura da doença e da morte de Tancredo com aquela que foi feita na campanha das diretas e afirma que nunca traba-

Talvez a notícia da morte de Tancredo não tenha chegada ao pico do Himalaia, mas, com certeza, o Brasil nunca escalou montanhas tão elevadas no noticiário internacional.

Ulisses Lacava

hou tanto. O trabalho começou no instante em que o Presidente foi internado no Hospital de Base de Brasília. Muitos jornalistas estrangeiros que vieram cobrir a "festa da posse", acabaram ficando no Brasil. Além disso, chegaram outros repórteres para dar apoio aos que aqui estavam. A competição entre as agências chegou a extremos nunca vistos, com relação a qualquer outro acontecimento em nosso país. "A morte de Tancredo foi o fato mais importante, do ponto de vista jornalístico, desde as eleições", estipula o espanhol Bacarreza. Segundo ele, o Brasil está na mira da opinião pública mundial por causa do restabelecimento da democracia, agora, pelos dias de incerteza decorrente do desaparecimento de Tancredo. Dada a importância do país na América do Sul, nossa situação política e econômica pode ter reflexos em outros países. A agência EFE, que, dos seus 1.000 assinantes, concentra 700 na América Latina, não hesitou em mandar um correspondente a São Paulo para fazer a cobertura no Instituto do Coração, onde Tancredo estava internado. Com o agravamento da doença, em quatro de abril, a EFE passou a dar plantão de 24 horas por dia.

A France Presse, que mantém escritórios no Rio de Janeiro, São Paulo e Brasília também trabalhou intensamente. Segundo seu representante em Brasília, François Casteran, a agência enviava quatro ou cinco grandes matérias por dia e, depois da morte, chegou a despachar cerca de 100 textos contendo biografias, o histórico da doença e análises sobre as perspectivas políticas. Em Brasília, chegavam a fazer mesas-redondas para daí retirar o material analítico que, muitas vezes, eram encomendados pelos jornais estrangeiros.

Em Portugal, esse material foi, praticamente, todo publicado, conforme boletins que Casteran recebe da empresa. O aproveitamento das matérias enviadas também foi muito grande no res-

to da Europa, em toda a África e em muitos países do extremo oriente e da América Latina, onde a France Presse divide o mercado com outras agências. Na manhã de 22 de abril, jornais de Hong Kong ou da África do Sul estampavam, em suas primeiras páginas, fotos de Tancredo Neves.

No meio de toda essa correria, houve quem preferisse uma posição de cautela. Esse é o caso de Yuri Bepalko, da agência Tass, da União Soviética, onde a imprensa pouco noticiou a doença de Tancredo. Bepalko diz que apenas procurou transmitir o "clima" do país, evitando relatos factuais, no período que antecedeu o desfecho mas que, a partir desse momento, deu todas as informações "importantes". Com efeito, todos os jornais soviéticos noticiaram a morte de Tancredo com grande destaque. A Nova República - segundo Bepalko - conseguiu aumentar o espaço dado ao Brasil pela imprensa soviética, pela confiança despertada perante o Kremlin. Para a imprensa soviética Tancredo era tido como um grande estadista e, até mesmo, um símbolo. Acredita-se, no país de Bepalko, que Sarney irá continuar a obra de Tancredo.

Outros países também estão confiantes no novo Presidente, pelo que informa Dalmy de Abreu Onofre, da Reuters, pois solicitam biografias e fotos com muita frequência. Os franceses, entretanto, temem que haja um retrocesso político, dada a tradicional dificuldade que os países latino-americanos encontram para implantar a democracia. François Casteran, da France Presse diz que procura explicar, através das matérias, que o Brasil tem passado por transformações e que um retrocesso é uma possibilidade relativamente remota. Outro país que interroga sobre o futuro do Brasil, com Sarney, é a Espanha que, na opinião de Bacarreza, guarda uma expectativa muito grande. (Adalberto Passos, Ellamara Brant, Carina Godoi).

José Talavera



"Temos confiança que o povo brasileiro fará todo o esforço para consolidar a democracia que esperamos trazer para a América Latina"

LEON TALAVERA
Vice-ministro das Relações Exteriores da Nicarágua

mais diversas, em virtude das circunstâncias históricas que revestiram o momento político em que ela se deu.

A Nova República conseguiu, em poucos meses de existência, despertar o interesse da opinião pública internacional através da doença do Presidente eleito e, também, em torno de seu projeto para condução do Brasil, por vias democráticas, para a recuperação econômica e política na mais aguda crise de sua existência.

A tradução desse interesse des-



A morte como todo fato tem suas causas e conseqüências. Porém, com relação ao Presidente Tancredo Neves, tornou-se uma fonte de estudos para os místicos e cientistas.

O outro lado da morte

Nicolau El-Moor

Marcelo Feijó

Morreu Tancredo Neves. A Nação brasileira acostumada ou obrigada a ter seus "pais", estava orfã. Mas no desenrolar do processo político dos últimos anos, já era chegada a hora dos cidadãos enfrentarem seus problemas sem um veredito prévio de seu "pai". Nas ruas lamentava-se a perda daquele que "salvava a Nação". Porém, não era somente o lamento que se fazia presente. Havia nas ruas uma "festa" de esperança e de conscientização a respeito do momento político. O povo se via agora mais responsável e participante. Passou a ser o sujeito ativo da História.

"O que fez o povo ir para a rua foi talvez ter tomado consciência de uma morte na qual ele tinha permanecido durante 20 anos. A morte de participar, de ser cidadão, de acreditar no Brasil. A morte do Tancredo trouxe dialeticamente para o povo a idéia da vida. O renascimento da cidadania brasileira. Tancredo simbolizou a passagem mítica de uma Nação morta para renascer de uma nova Nação. Por isso a afetividade do povo veio à tona. De repente ele se sentiu outra vez valorizado e respeitado. Este foi o grande legado de Tancredo Neves". Essa é a opinião da professora de Serviço Social da UnB, Aldayr Brasil, que também faz uma observação à respeito da televisão brasileira na cobertura da morte do Tancredo Neves.

Para ela, a TV como um todo, especialmente a Globo, criou um certo clima de angústia e morbidez em torno da morte, que não se percebia nas ruas. E como se a Globo estivesse no momento do ritual da morte e o povo já tivesse chegado ao ritual da vida. A mor-



Regina: Tancredo foi deificado

bidez não existia no povo. Existia uma dor, porém uma dor de esperança, uma dor de que "vamos continuar em frente". "Essa morte cultuada 40 dias já tinha germinado um processo de vida o qual a TV perdeu, abordando somente o aspecto tradicional da morte. Deste modo não captou a dinâmica desta contradição bonita que é ter germinado uma nova vida e um novo cidadão", conclui Aldayr Brasil.

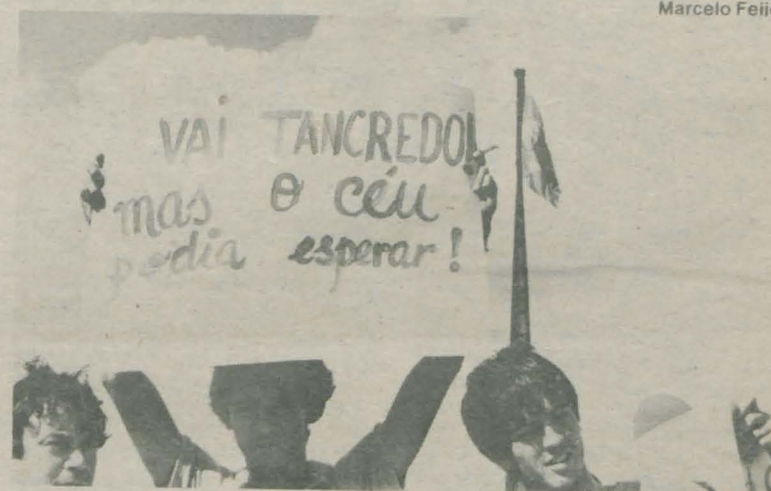
Regina D'Aquino, psicóloga, especialista em doentes terminais vê o fenômeno da morte de Tancredo sob três aspectos. Primeiramente o lado institucional que estava relacionado a uma nova postura política do país: "Tancredo Neves foi deificado e isto veio atender a uma falta total de líderes brasileiros legítimos nos últimos anos". O segundo lado estaria relacionado à visão da morte de cada indivíduo: "Parece que houve um choro de muitas

mortes, separação, mudanças e crises, que seria um conceito in-trapessoal"; e finalmente o lado mítico de toda a situação. "Tancredo foi transformado no mito, no grande pai e Dona Risoleta na grande mãe. "A imagem da Dona Risoleta foi uma tentativa de traslado do mito Tancredo. Porém esta figura não é legitimada pelos anseios que caracterizam este momento nacional, que são anseios muito políticos. Ficava bem para a D. Risoleta a figura da grande dama". E o que pensa Regina D'Aquino.

Em nome de que, a vida de Tancredo Neves foi manipulada tanto tempo? Houve manipulação das informações médicas e da data da morte do Tancredo, tentando reforçar o mito de Tiradentes, do libertador? Essas são questões que Regina insiste em frisar para que se possa esclarecer a situação nacional e a repercussão da morte em todo o Brasil.

Tancredo foi transformado em grande pai. Um dos seus filhos, o Ministro do Interior Ronaldo Costa Couto, dizia que Tancredo era um Deus, um sábio. Então, questiona Regina, que postura psicológica teria um ministro para se afirmar com posições adultas perante um Presidente? Este segundo a psicóloga, seria um exemplo da característica centralizadora de Tancredo Neves. Esses e outros fatos ocorreram numa nação infantil até então, ou que foi infantilizada pelos seus regentes, conclui a psicóloga.

O que seria do nosso País se viéssemos a era Tancredo com ele vivo? Será que nós não seríamos infantilizados também ou a própria morte dele nos libertou deste acontecimento? Questiona Regina. (Edna Cristina)



A televisão cultuou a morte, quando o povo já celebrava a ressurreição

Um mito após 39 dias

Esperança, força, resistência, milagre. Durante 39 dias esse foi o vocabulário básico do país, construído à imagem e semelhança do envolvimento popular com o sofrimento de um homem que encarnava a promessa de mudanças. A insólita tragédia de Tancredo Neves, sem motivo e sem solução, despertou a mística passional das multidões, igualmente sofridas, que acabaram se identificando com a sua dor. Tancredo, líder, foi transformado pelas circunstâncias em mito.

A construção do mito Tancredo passa por várias etapas e pela aglutinação de vários discursos, na opinião de Lia Zanotta Machado, professora de antropologia da UnB. Ela não nega o peso dos meios de comunicação de massa, especialmente a televisão, no processo, mas ressalta que a TV apenas trabalhou e estendeu uma imagem que já havia sido criada pelo próprio Tancredo.

Ao longo do regime autoritário, relembra Lia, não surgiu nenhuma personalidade política de destaque. A ascensão de Tancredo, no momento que as diretas já foram inviabilizadas, deu-se porque o então governador de Minas tinha em si a possibilidade de articular o consenso: era uma política de envergadura, com uma experiência que vinha desde Getúlio Vargas; tinha um discurso baseado em valores esquecidos no antigo regime, tais como a probidade, a honra, a dignidade; identificava-se ideologicamente com o centro, o que possibilitava a superação do conflito polarizado entre a esquerda e a direita, característico do regime militar, totalmente desgastado perante a opinião pública; e, finalmente, possuía uma imagem de extrema respeitabilidade para o brasileiro, de pessoa idosa muito religiosa. "As religiões não católicas do Brasil não se opõem ao catolicismo, que por ser dominante é respeitado. Quando Tancredo falava de seu catolicismo, falava à grande maioria da população, que é religiosa", explicou Lia.

A construção do mito propriamente iniciou-se na disputa do Colégio Eleitoral, na visão do jornalista Gilberto Dimenstein, do Jornal do Brasil, um dos autores do livro O Complot que Elegu-

Tancredo. "O povo não queria Tancredo no começo", lembra Gilberto, "porque a luta era pelas diretas. Quando a disputa ficou reduzida a Tancredo e Maluf, todo o apoio se concentrou em Tancredo, que passou a simbolizar o bem, já que Maluf encarnava todo o mau. Sua vitória no Colégio selou o papel de condutor do processo democrático, a esperança de mudanças".

A crise econômica, a transição democrática e mesmo a dificuldade da articulação política do futuro governo transformaram o trabalho de Tancredo numa missão, o começo da mistura da linguagem profana, política, com a linguagem fortemente carregada de símbolos sagrados, a base do mito Tancredo Neves para a professora Lia.

Como um antifilme americano, às vésperas da posse, do "final feliz", Tancredo fica doente. Transforma-se em mártir imediato, porque foi em função da causa pública que ele adiou seu tratamento; a imprensa, e em especial a televisão, começam a desenvolver a idéia da resistência milagrosa do presidente eleito, como uma enorme metáfora da resistência ao regime autoritário.

Através dos boletins médico e das falas científicas, a resistência é colocada como resultado de uma força interna, que os meios de comunicação se encarregam de pintar como sobrenatural, pois parecem inquebrantáveis diante das adversidades cada vez maiores. Até o ponto que a resistência passa a ser milagrosa, pela gravidade da situação. Tancredo é mostrado como um herói na luta contra as bactérias, enquanto a televisão reforça a necessidade de se ter esperança.

"E o que pode ser chamado, em antropologia, de situação liminar, concluiu Lia, "uma situação drástica que envolve as pessoas, cria nelas a necessidade de ajudar".

As pessoas rezam, choram, não podem fazer nada. Tancredo, a essa altura, já era herói, mártir, tinha sido purificado e elevado pelo seu "calvário", virara santo. Por merecimento, por acaso. E pela televisão. (Ulisses Lacava)

Da cabala ao espiritualismo

A forte carga de esperança depositada pelo povo em Tancredo Neves em todos os momentos de sua campanha, assim como as trágicas circunstâncias que envolveram seu martírio e morte, acabaram por criar um mito e envolver toda a Nação num clima de religiosidade e transcendentalismo sem precedentes. Para tudo parecia haver uma explicação mística, que só se modificava de acordo com a crença de cada um. Para a doença de Tancredo, não uma explicação médica, mas cabalística; para a continuidade do processo democrático, não uma razão política, mas espiritual.

AMARGEDON E O ASTRAL DA FAIXA

Vários dias antes da posse de Tancredo Neves, o poeta brasileiro Amargedom, um estudioso de assuntos da cabala, ao ver uma foto da faixa presidencial, reparou que a estrela da República acompanhava a inclinação da faixa, o que atrapalhava o astral positivo, chamando forças negativas, que certamente viriam a trazer prejuízos ao futuro presidente. Segundo Amargedom, a posição correta da estrela é aquela que representa o "homem cósmico, com os braços e pernas abertas, pois o homem é uma estrela.

Se essa posição se altera, ou se inverte, o que é pior (e isso acontece na bandeira), o símbolo atrai energias negativas. Eu avisei ao Tancredo que ele poderia ter esses problemas e não deu outra".

Se por esta razão ou não, o fato é que foram poucos os presidentes que conseguiram governar sem passar por grandes crises, sejam políticas ou de saúde. E Amargedom mesmo que enumera: "Deodoro da Fonseca teve problemas em seu governo. Floriano Peixoto também. Prudente de Moraes, a revolução de Canudos. Rodrigues Alves morreu. Getúlio Vargas suicidou-se. Juscelino teve problemas para tomar posse. Jânio Quadros renunciou. João Goulart foi deposto. Castello Branco e Costa e Silva morreram. Só quem não teve dificuldades maiores foram o Médici e o Geisel. Figueiredo teve problemas de saúde e políticos. E agora, o Tancredo morreu".

Ainda quando Tancredo estava no HDB e o povo mantinha a convicção na sua recuperação, Amargedom, alertando para o perigo da faixa, conseguiu audiências com o Ministro da Justiça, Fernando Lyra e com o Procurador Geral da República, Sepúlveda Pertence, conseguindo dessas autoridades um posicionamento

favorável à correção da posição da estrela.

ISRAEL PINHEIRO FILHO E A MISTICA DE TANCREDO

Alheio aos perigos cabalísticos da faixa presidencial, o deputado Israel Pinheiro Filho (PFL-MG) também guarda a uma explicação transcendental para a sua convicção nos bons dias políticos que virão. Segundo o deputado, "de todas as desgraças, você tira alguma vantagem. Eu acho que a mística de Tancredo se transfere para a Aliança Democrática, que terá forças morais grandes o suficiente para conduzir o Brasil a soluções que talvez Tancredo sozinho não conseguisse. O autoritarismo desarrumou o País de tal maneira que para Tancredo Neves tornar realidade o seu projeto político, teria de enfrentar terríveis dificuldades. Agora, por outro lado, a morte dele vai criar tal mística, vai ter uma força espiritual e política tão grande, que Sarney vai ser levado por ela a conseguir os objetivos almejados por Tancredo. Afinal, ninguém vai ter coragem de contrariar o espírito de Tancredo Neves, o seu projeto político. A mística Tancredo é tão forte, que hoje, fazer oposição é algo extremamente negativo". (Rudolfo Lago).